

ENSINO REMOTO DE EMERGÊNCIA

Perspetivas pedagógicas para a ação.



José Matias Alves & Ilídia Cabral (org.)

Porto

março de 2021

Serviço de Apoio à Melhoria da Educação

Faculdade de Educação e Psicologia

Ficha técnica

Título: Ensino remoto de emergência - Perspetivas pedagógicas para a ação.

Organização: José Matias Alves & Ilídia Cabral

Autores: Adília Cruz, Alexandra Carneiro, Ana Gomes, Ana Luísa Melo, Ana Paula Silva, António Andrade, Carla Lopes, Carlos Café, Cornélia Castro, Fátima Almeida, Filipa Araújo, Generosa Pinheiro, Hélder Martins, Ilídia Cabral, Isabel Lage, José Afonso Baptista, José António Fundo, José Matias Alves, Lídia Serra, Lídia Sousa, Luís Gonçalves, Margarida Araújo, Pedro Jesus, Sofia de Sousa Vieira, Sónia Soares Lopes, Teresa Barbosa

Paginação: Francisco Martins

Local de edição: Rua Diogo Botelho, 1327 | 4169-005 | Porto | Portugal

Data de edição: março de 2021

Edição: Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa

ISBN: 978-989-53098-0-1

Nota de edição: os textos aqui reunidos foram publicados originalmente na página do Facebook do Católica Porto Educação, durante o mês de fevereiro de 2021.

Índice

Ensino remoto de emergência – Para uma pedagogia da metamorfose.....	4
10 Proposições para o Regresso ao on line	10
8 verbos para a ação.....	13
Do Ensino a distância ao baby-sitting on line	15
O (in)sustentável peso da distância.....	17
O lado Bom	19
A@d	21
A avaliação “antisstressante” no e@distância	23
10 proposições para organizar as aprendizagens online	25
Dez verbos para aprender quando se ensina à distância.....	32
7 tweets para uma jovem colega	34
10 proposições para uma aprendizagem online	38
Ensino@distância. 10 proposições para a aprendizagem.....	42
10 proposições para organizar as aprendizagens online	46
Dez proposições para o E@D	50
Ensaio sobre o ensino e as aprendizagens a distância. 10 proposições para organizar as aprendizagens on-line.	53
Intervalo no ruído	57
Dogmas e rituais da escola. O controlo remoto do sistema educativo*	60
O Conselho de Turma Online.....	62
Transições sob a indeterminação dos tempos: do papel do professor, para a pele de um singelo humano e de volta para a pele do professor... ..	70
“Da minha janela à tua” * – 3 referências e 10 Proposições para o ensino online	75
10 proposições para uma aprendizagem real e consentida.....	78
Premissas básicas para atuação do professor - E@D -.....	82
10 proposições para organizar as aprendizagens online. O ouvido pensante.....	86
Crónica (quase) familiar.....	89
10 proposições para organizar as aprendizagens on line	92
E@D com recurso ao on-line. Desafios numa Escola que se quer para todos.....	95

Ensino remoto de emergência – Para uma pedagogia da metamorfose



José Matias Alves & Ilídia Cabral

Há uma idade em que se ensina o que se sabe; mas vem em seguida outra, em que se ensina o que não se sabe: isso se chama *pesquisar*. Vem talvez agora a idade de uma outra experiência, a de *desaprender*, de deixar trabalhar o remanejamento imprevisível que o esquecimento impõe à sedimentação dos saberes, das culturas, das crenças que atravessamos. Essa experiência tem, creio eu, um nome ilustre e fora de moda, que ousarei tomar aqui sem complexo, na própria encruzilhada de sua etimologia: *Sapientia*: nenhum poder, um pouco de saber, um pouco de sabedoria, e o máximo de sabor possível.

Roland Barthes. Lição

Este livro tem uma história. Quando em janeiro de 2021 o governo anunciou o regresso ao *ensino remoto de emergência* [também designado de *ensino on line*, *ensino a distância*, *aprendizagens mediadas por tecnologias digitais*] logo surgiu a ideia de desafiar professores a escreverem o que poderia ser a gramática deste regresso. E, inspirados num célebre texto de Pierre Bourdieu [Proposições para o ensino do futuro] publicado no longínquo ano de 1986, desafiamos um conjunto de professores a escrever sobre este regresso, enunciando os cuidados, as pedagogias, as dinâmicas, as condições que seria sensato adotar para minimizar os riscos das desigualdades, do abandono e do desligamento. O tópico indicado foi: *no regresso ao online _ 10 proposições para as aprendizagens*.

E assim foi sendo escrito este livro com publicações realizadas no Facebook da *Católica Porto Educação* (<https://pt-pt.facebook.com/CatolicaPortoEducacao>), iniciadas formalmente no dia 6 de fevereiro de 21, com um texto da Ana Paula Silva. A este seguiram-se mais de 22 textos ao longo de todo o mês de fevereiro, publicando-se, em regra, um texto por dia. E quem são estes autores? Professores que não desistem de pensar e de praticar uma educação comprometida, uma educação que só existe quando inclui e promove o desenvolvimento humano dos nossos alunos. Professores que são

autores, isto é, criadores de esperança num futuro que vai ser melhor porque existem pessoas assim.

E o que nos dizem estes textos? Múltiplas e variadas mensagens de quem está comprometido com a profissão de fazer crescer, de fazer aprender. E que sabem, como recordava António Nóvoa, que a profissão de professor é das poucas que requer uma *certa colaboração dos alunos*, pois não se pode ensinar a quem não quer aprender. E não esquecem o conselho de Alexandre O'Neill: *Se estás a pensar ensinar / vais ter muito que aprender.*

E que aprendizagens são necessárias neste ensino remoto de emergência, nesta distância, nesta escola deserta, neste confinamento doméstico? Como tese geral, precisamos de passar de uma pedagogia da exposição magistral, da repetição, do consumo, da fala para uma plateia mais ou menos amorfa e ausente, para uma pedagogia da implicação, da participação, da autonomia, da colaboração, da produção, da criação. Desdobremos o sentido desta gramática. Neste tempo estranho e triste que a fortuna está a prolongar excessivamente precisamos, pois, de ativar esta radical metamorfose pedagógica, socorrendo-nos dos recursos tecnológicos disponíveis.

Eis a(s) pedagogia(s) com o poder de ativar essa metamorfose:

1) Uma pedagogia da escuta. E o que é que precisamos de escutar? Em primeiro lugar, os silêncios de quem não fala, de quem não responde às chamadas, de quem não pergunta, de quem, aparentemente, está fora *da circulação pedagógica*. Porque, mesmo tendo PC e internet (que não está sempre a cair), há alunos com as câmaras desligadas (e não só as do computador). Há alunos perdidos nos labirintos familiares, há pessoas numa solidão e numa tristeza existencial. Quando os alunos estão dispersos (e por vezes perdidos) em casa.

2) Uma pedagogia da implicação, da participação, da autonomia e da criação de comunidade. Estando os alunos longe, distantes e isolados uns dos outros, torna-se imperativo pensar e desenhar estratégias de ensino que os impliquem em desafios, em problemas vivenciados no dia-a-dia, em questões-problema. Este apelo à participação e à procura de respostas para os problemas concretos, pessoais e sociais que vivenciam é uma forma possível de ativar a presença, a pesquisa e atribuir um renovado sentido para o processo de escolarização.

3) Uma pedagogia da colaboração [docente e discente] e da relação. O isolamento doméstico é um tempo excepcional para ativar o desejo e o sentido da colaboração. A planificação docente também ganharia com uma planificação quinzenal (por exemplo) de atividades de natureza interdisciplinar e as equipas educativas poderiam enfim ter tempo para se encontrarem não apenas para planear, mas para executar e avaliar atividades que beneficiassem de contributos multidisciplinares. Em relação aos alunos, é pertinente a sugestão do Carlos Café *“diz-lhes que criem pares pedagógicos para estudarem online em rede. Como as alcateias: os lobos não deixam ninguém para trás.”*

4) Uma pedagogia da sementeira e das possibilidades. Como afirma o Pedro Jesus *“há tempo para semear e há tempo para ceifar, mas o trabalho docente é e deverá continuar a ser primordialmente, também em contexto online, o trabalho do sementeiro, que conhece o terreno, prepara-o, semeia e cuida. Sabe que o terreno tem bons frutos para dar, mesmo que o próprio terreno ainda não o saiba. É um artífice, desvendador de possibilidades.”* Neste tempo, esta mensagem ganha uma grande centralidade no terreno da avaliação. Deixemos os testes escritos em paz. Não repliquemos os modelos avaliativos do ensino presencial. Avaliemos para que as aprendizagens possam emergir, desenvolver-se e consolidar-se. Desafie os alunos a produzir registos de observações vários, a fazer *podcasts*, a fazer guiões de entrevistas, registos áudio de entrevistas aos membros da família, a construir portefólios do que vão fazendo, a apresentarem aos colegas os resultados do seu trabalho.

5) Uma pedagogia que aposta mais na aprendizagem do que na classificação. Como sustenta ainda Carlos Café: *“queres diversificar e queres que os instrumentos que substituem os testes sumativos que não vais poder fazer sejam credíveis? Estás preocupada porque tens cento e tal alunos (como no meu caso)? Olha, eu estou a pensar fazer perguntas sobre diferentes competências em algumas das aulas síncronas e eles têm 2 minutos para me responder via WhatsApp com mensagem de voz. Eu depois ouço uma a uma e atribuo uma classificação. Tudo deve ser avaliado, mas nem tudo tem de ser avaliado através da escrita, certo?”* Esta é uma possibilidade que se inscreve na *cultura dos alunos* e por isso tem acrescidas garantias de sucesso. Como todas as aproximações pedagógicas que têm na escuta dos alunos a pedra angular da ação. Se quisermos ser mais radicais: esqueçamos as notas e as classificações porque isso *não interessa [quase] nada*, como se escreveu há quase um ano

<https://www.publico.pt/2020/05/06/impar/noticia/carta-aberta-educadores-professores-1915217>.

6) Uma pedagogia da comunicação, da interação e da produção. Educar é comunicar, criar sentido para podermos ler o mundo. Educar é comunicar para construirmos os laços (pessoais e sociais) imprescindíveis à vida. Educar é criar uma comunidade de valores, sentido de pertença, liberdade e responsabilidade. Educar é descobrir talentos através dos desafios de ação e da interação. Educar é descobrir as respostas possíveis para os problemas que nos afligem. Precisamos, neste tempo, de cumprir os quatro pilares da educação de futuro, há tantos anos enunciados pela UNESCO: *aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a ser, aprender a conviver* [tão central, hoje] e *aprender a crescer juntos*.

7) Uma pedagogia da integração (de conteúdos, de recursos, de estratégias) e do diálogo interdisciplinar. Desde sempre, este foi o desafio colocado a uma escolarização fabril, segmentada, desconetada, balcanizada. Paradoxalmente, o *ensino remoto de emergência* poderia ser um tempo de articulação e integração. Poderia, enfim, ser possível concretizar um projeto que nos empolgou e galvanizou dezenas de professores no agrupamento de escolas de Óbidos. Fazer da escola um projeto que se aproximasse dos alunos e fizesse do currículo uma resposta específica a grupos de alunos, como se poderá aqui ver http://escolasdobidos.com/download/documentos/artigo_MIPSE.pdf .

8) Uma pedagogia do *saber e do sabor*. Como luminosamente escreveu Eduardo Prado Coelho: *Sabemos que, em latim, havia duas formas concorrentes: o sapere e o scire. De scire veio toda a nossa ciência. Mas scire corresponde à ideia de um conhecimento que apreende o objeto na medida em que o separa, o recorta, o divide, em relação às restantes coisas. É um gesto de discernir ou de distinguir. O sapere aproxima-se das coisas a partir do que elas têm de único: o sabor, o gosto. Sucede que sapere se foi sobrepondo a scire e deu o saber de que hoje dispomos, mas um saber que recolheu as características mais puritanas da tradição científica: e fica um saber que não sabe a nada. Este é o tempo mais que perfeito para ousarmos esta decisiva aliança. Ligar, interligar, construir sentido para o saber prescrito pelos áridos (e enciclopédicos e inúteis) programas escolares [ok, isto é uma hipérbole]*.

9) Uma pedagogia do obstáculo. Ao contrário do que afirma o senso comum, os alunos dão-se bem com o trabalho de enfrentar e vencer os obstáculos que lhe fazem

sentido. Veja-se o caso dos jogos: a atenção, a persistência, o foco no problema, o ensaio e o erro. Precisamos de cultivar e desenvolver uma pedagogia do obstáculo que esteja ao alcance cognitivo dos nossos alunos, na *zona do seu desenvolvimento proximal*. Se o conseguirmos fazer teremos mais condições de êxito na ativação da vontade, que às vezes parece perdida. E por que motivo muitos adolescentes parecem ter perdido a vontade de aprender? Esta é uma questão essencial e a pedagogia tem de procurar a resposta. Porque o ser humano é ser aprendiz, por natureza. E quando esta condição não se revela temos de ir à procura das razões e dos sentimentos. E nesta publicação encontramos diversas pistas de resposta.

10) Uma pedagogia da desaprendizagem. Trazemos a *alma vestida* de rotinas, de preconceitos, de mitos e ilusões. Precisamos de *raspar a tinta com que nos embotaram os sentidos* (Alberto Caeiro) para ver a realidade das pessoas que vivem hoje no estrangeiro de si próprios. Para ouvir e escutar os pedidos silenciosos de muitos alunos que usualmente ficavam abandonados de si mesmos no fundo da sala (e que agora correm o risco de ficarem definitivamente para trás). Para sentir os apelos inauditos e compreender os motivos das recusas e do não querer. Esta aprendizagem pressupõe, como dissemos, uma *disponibilidade* para desaprender. Nas palavras de Olivier Reboul (1983):

O que é aprender, em todos os domínios, senão “desaprender” alguma coisa, deixar um hábito ou uma certeza no mais íntimo de nós próprios? Aprender é, antes de mais nada, romper com hábitos que se tornaram uma segunda natureza, é “desaprender” a respirar quando se trata de desporto ou de música, é “desaprender” os sons e a sintaxe da sua própria língua quando se pretende aprender outra. E o que é compreender, senão abandonar as pseudocertezas, afastar os “obstáculos epistemológicos” devidos à tradição e à experiência ingénua, recusar as verdades primeiras que nunca mais são, segundo Bachelard, que “erros primeiros”? Finalmente, o que é aprender a mudar, a renunciar corajosamente ao conforto e ao conformismo em que uma pessoa estava instalada como em sua casa, para vir a ser, enfim, ela própria. Aprender realmente é sempre “desaprender”, para vencer o que nos paralisa, nos encerra, nos aliena.

Esta desaprendizagem é, de facto, uma condição essencial de mudança, seja agora, seja no futuro pós-pandémico. Mudar de visão (sobre a função primeira da

escola, sobre a função do professor, sobre o estatuto de aluno...), mudar de modos de trabalhar e interagir no espaço escolar são operações essenciais que têm de ser *garantidas* pela exigência profissional, pela pressão e pela persuasão.

Vivemos num tempo em que *temos de ensinar o que não sabemos*. De ensinar alunos que não sabemos bem onde estão e como estão. E por isso temos de procurar individualmente e colaborativamente as respostas para os problemas que enfrentamos. E por isso, também temos de desaprender. Os modelos pedagógicos que geram o tédio e a desvinculação. As práticas avaliativas que excluem e estão ao serviço da seleção. Precisamos de ativar uma relação de confiança nas possibilidades de realização dos nossos alunos, sabendo que as emoções positivas geram aprendizagens. Esta é mais uma publicação aberta que oferecemos aos nossos leitores, com o valioso contributo de tantos professores autores de futuro. E que não se conformam, nem se resignam perante um triste *statu quo*. E é também por isso que Philippe Meirieu escreveu um dia: *os professores não têm futuro. Eles são o futuro*.

Referências

Barthes, Roland (2007). *Lição*. Lisboa: Edições 70

Bourdieu, Pierre (1986). Propostas para o ensino do futuro. *Cadernos de Ciências Sociais*, 5

Cabral, I. & Alves, J. (2016) Um Modelo Integrado de Promoção do Sucesso Escolar (MIPSE) – a voz dos alunos. *Revista Portuguesa de Investigação Educacional*, nº 16, <https://revistas.ucp.pt/index.php/investigacaoeducacional/article/view/3422>

Reboul, Olivier (1983). *O que é aprender*. Coimbra: Almedina

UNESCO (1996). *Educação – um tesouro a descobrir*. Porto: Edições ASA

10 Proposições para o Regresso ao on line



Adília Cruz

Um ano depois, eis-nos de novo, na situação de “ensino à distância”. Entre a experiência vivida e a expectativa do que virá, pouco mudou na forma como a encaro: um desafio. Talvez me encontre mais empoderada no domínio de algumas “novas” ferramentas digitais que não utilizava, nem conhecia. O espaço virtual passou a ser utilizado como um ambiente potenciador da aprendizagem e mantido no ensino presencial. Esta prática dá-me segurança no cumprimento da minha função docente e no que respeita à preparação dos alunos para esta modalidade de ensino.

O que aqui vou propor não pretende ser um “modelo” ou uma “receita” de sucesso para as aulas *on line*, é apenas o resultado de uma autorreflexão sobre o que considero ter resultado na minha prática, fruto da visão holística de Escola que defendo, seja ela em ensino presencial ou à distância. Uma escola aberta e preparada para a mudança, inclusiva e de afetos.

Dez proposições para organizar as aprendizagens *on line*:

1. O grande foco da Escola deve passar por INCLUIR TODOS, enquanto comunidade inclusiva. Implica conhecer cada aluno enquanto pessoa, suas características sociais, familiares, psicossomáticas. No E@D é relevante perceber quem não tem as condições necessárias para a sua implementação, nomeadamente ter computador, Internet, câmara, espaço para estudo; é importante perceber os alunos que se escondem atrás da câmara para não serem notados; identificar os que se encontram mais satisfeitos pois é em casa que se sentem protegidos; reconhecer os que se organizam e os que têm mais dificuldade; respeitar os diferentes ritmos de trabalho. Também o professor tem de se sentir confortável para fazer do E@D a sua zona de conforto e, assim, fazer o seu melhor pelos alunos.

2. Ser PROFESSOR INOVADOR é uma necessidade. Esta competência é perceptível no esforço que os professores fizeram, durante este último ano, para se capacitarem na utilização de plataformas e metodologias ajustadas ao E&D e para implementarem novas e boas práticas que elevassem o nível de concentração e o relacionamento interpessoal do grupo turma, mesmo que em ambientes virtuais. Independentemente das condições, o professor tem de se mostrar seguro, motivado e presente. Um bom professor no ensino presencial também o será no ensino à distância.
3. As TIC tornam-se um domínio obrigatório, mas não “novo”, nas dinâmicas do ensino à distância, confirmando o que há décadas se afirmava como importante para o ensino aprendizagem, em contexto de sala de aula. As TIC passam a assumir o seu papel na prática educativa, enquanto ambientes facilitadores de aprendizagem, trazendo para a arena educativa, novas potencialidades e novas possibilidades de melhoria do ensino. Contudo, as tecnologias digitais ao serviço da pedagogia/ensino aprendizagem, são, ainda, um desafio, especialmente no seu aproveitamento criativo e na sua exploração eficaz.
4. Que o E@D não perturbe as RELAÇÕES SOCIOEMOCIONAIS desenvolvidas no grupo turma. Se, numa aula à distância existe uma barreira física entre os intervenientes, isto não pode impedir que se continue a estabelecer um bom relacionamento interpessoal entre o professor-aluno e aluno-aluno. A dinâmica da aula deve potenciar essa relação mais emocional e afetiva sendo, portanto, muito importante contemplá-la na planificação da aula, pensando sempre em todos e cada um.
5. É preciso ACREDITAR e transmitir confiança no processo. O professor tem de manter a motivação, a calma, a serenidade e gerir todas estas forças positivas, para melhor garantir a tranquilidade dos alunos e mesmo da própria comunidade .
6. O E@D implica uma MUDANÇA DE PRÁTICAS, mais focada no desenvolvimento de competências (autonomia, criatividade, competências digitais, organização, iniciativa...), na planificação clínica das tarefas, na sua diversificação, no trabalho colaborativo interativo, na avaliação para a

aprendizagem, com valorização do feedback de qualidade. Ou seja, um processo focado no que os alunos devem realmente aprender e no como o podem fazer.

7. Nesta modalidade de ensino, o TRABALHO COLABORATIVO DOCENTE revela-se prioritário, embora também o seja no ensino presencial. A articulação e diálogo entre os docentes de grupo disciplinar e de equipa educativa são essenciais, para harmonização de procedimentos e interajuda. A partilha de boas praticas entre grupos de docentes e/ou de docentes de diferentes escolas, em vários contextos, revelam-se o melhor recurso para a melhoria das opções didáticas e pedagógicas. Mesmo que na forma virtual, devem ser promovidos estes espaços/comunidades de aprendizagem colaborativa e de valorização profissional.
8. Estes ambientes educativos destacam SABERES DOS ALUNOS que o ensino presencial oprime. Na relação pedagógica professor-aluno quando não é valorizada a interação com o aluno há conhecimentos e competências que passam despercebidos, nomeadamente no domínio das tecnologias. Este empoderamento dos alunos é importante e pode enriquecer a relação pedagógica, em qualquer contexto.
9. O BOM SENSO revela-se, igualmente uma boa prática, no ensino *online*. É decisivo ter discernimento em relação à organização dos horários de E&D, aos planos semanais a propor aos alunos e à mobilização de recursos. É essencial manter um ambiente dialógico na tomada de decisões e nos vários contextos. É necessário priorizar que o aluno aprenda e não que o programa se cumpra. É possível pensar a escola onde cada um tem voz e valor.
10. É com base na CONFIANÇA que, segunda-feira, dia 8 de fevereiro de 2021, as comunidades educativas iniciam um novo período de E@D. A escola sempre foi um lugar de desafios e, mais uma vez, não desperdiçará esta oportunidade de desenvolver outras formas alternativas de ensinar e de cumprir a sua função. Porque esta é a escola que queremos.

8 verbos para a ação



Alexandra Carneiro

Acolher.

Perseverar.

Rir.

Escutar.

Nortear.

Devolver.

Envolver.

Responsabilizar.

Aprender - que nada substitui a presença, nada substitui o interesse. A proximidade não está na sala de aula da escola, está na sala de aula que professores e alunos constroem todos os dias (mesmo que não consigam estar online, em sincronia...) A sala de aula é a relação, esse terceiro elemento de que Serres falava, é o que nos junta - colaborando, conversando, envolvendo-nos.

A relação pedagógica que começa no acolhimento do outro em nós, promovendo a sua independência e capacidade de invenção, sujeito de experiências existenciais únicas e irrepitíveis, algumas sofridas como não imaginamos.

E por isso, é urgente perseverar, ter verdadeira esperança, tornarmo-nos melhores pessoas para os nossos alunos.

E rir, rir, rir. Rir porque rir nos torna humanos, rir deste quotidiano sério e absurdo. Que a escola, para muitos, é a única estrela polar a nortear as suas vidas, prumo de normalidade, de regulação, devolvendo-lhes o que de mais humano têm - o direito a serem reconhecidos pelo seu nome, pelas suas necessidades, pelas suas expectativas. Porque a escola ocupa a parte mais significativa das suas vidas, onde tudo acontece e

onde já nada pode acontecer – ensinar é essa viagem de favorecer a alegria da descoberta (ainda Serres...) autónoma, responsável e autêntica.

Para todos.

Do Ensino a distância ao baby-sitting on line



Ana Gomes

Voltámos ao ensino à distância, quando devíamos ter voltado ao ensino a distância. Não, não é uma gralha, não me esqueci de grafar o último “a”.

Igualdade de acesso, computadores para todos, largas de banda... Preocupações muito válidas. À distância ou a distância, a tecnologia nunca foi tão necessária! Mas é só acessória. É o meio que, distantes, nos vemos necessitados de usar, para que os alunos possam continuar a aprender. O tema central do ensino não presencial não é, não pode ser, a tecnologia. Tem de ser a pedagogia!

Já vimos isto acontecer no passado: a introdução de computadores e quadros interativos nas escolas não mudou nada, só passou a ser mais divertido. Em vez de acetatos retroprojectados, passámos a projetar “powerpoints”. Em vez de cassetes VHS com vídeos educativos, passámos a usar o Youtube. A tecnologia entrou nas escolas e não mudou a pedagogia.

Agora, precisamos da tecnologia para “ir à escola”. Temporariamente, e ainda bem! Mas a pedagogia continua sem mudar. Milhares de alunos portugueses estão, no momento em que escrevo (são 10 horas da manhã), online, a ter aulas. Com os professores online, a verificarem se falta algum, a ditarem o sumário, a explicarem matéria, a exemplificar exercícios e a usar o quadro branco do Zoom ou do Teams, ou outro qualquer, como se fosse o quadro lá da sala, seja ele branco, verde ou interativo. Compartilham-se slides e vídeos, alunos ou professores, como quem os projeta na sala de aula.

Trocámos a pedagogia, que faz aprender, por serviço de baby-sitting online: num horário semelhante ao da escola, as aulas e os professores sucedem-se ao longo do dia, com os mesmos alunos no ecrã, numa relação que nada tem de pedagógica. Porque a pedagogia faz aprender. E assim, não se aprende!

[Este será um bom momento no texto para clarificar o que é pedagogia: a arte de fazer aprender! E sabemos como em Portugal os artistas são sempre pouco valorizados...]

Os professores fazem o que sabem fazer - muitos até tiveram formação para usarem melhor as tecnologias!

E as famílias fazem o que sabem fazer - pedem às escolas mais apoio, mais online, “porque os miúdos não podem estar sozinhos e não são autónomos”, porque as escolas não lhes souberam explicar como é que funciona isto do “ensino a distância”.

Os alunos, esses, fazem o que lhes mandam. Por acaso, alguns até aprendem. Porque há alunos que aprendem só porque acordam de manhã. E esses, são os únicos que aprendem “à distância”. Os outros, precisam de aprender “a distância”, e não de estar entregues a um serviço de baby-sitting online, onde não há pedagogia, mas ocupação do tempo, com o que provavelmente serão “tarefas escolares”, porque são iguais às que fazem quando estão na escola, e até as fazem com os professores a apoiar, como na escola...

Não é este o retrato de todas as escolas. Nem de todos os professores. Nem de todas as famílias. Mas atrevo-me a dizer que será o retrato da esmagadora maioria. Porque entre o ensino remoto de emergência que teve de ser feito em março de 2020 e o ensino a distância que deveria estar a ser feito em fevereiro de 2021, investiu-se - em alguns casos, pelo menos - na tecnologia. Devia ter-se investido na pedagogia.

O (in)sustentável peso da distância



Ana Luísa Melo

Aconteceu o que já se esperava. Viemos, novamente, todos para casa. O peso dos números de uma pandemia que teima em persistir a isso obrigou. E, de novo, enfrentámos a prisão do confinamento.

O segundo período começou, como habitualmente, com o frio e a luz de janeiro. Muito escuro, muito cinzento e muito, muito frio. Na escola e nas salas de aula vivia-se um ambiente muito diferente do que era comum nos anos anteriores. De máscaras, grossos casacos, gorros ou carapuços, luvas e muitas mantas, tentávamos defender-nos do frio. As salas tinham as janelas abertas na medida do que era possível ou suportável. Estava a ser difícil. Neste quadro, não havia grande motivação ou entusiasmo. Eram notórias as ausências por doença, quarentena ou isolamento de todos os que frequentam a escola e, com o rápido agravamento da pandemia, a mistura de emoções em que a ansiedade, a agitação e a tristeza se revelavam, tornava tudo ainda mais estranho e perturbador. Os últimos dias antes da suspensão das aulas foram difíceis e trouxeram-nos à memória os dias de março do ano anterior. Mas desta vez sentia-se, sobretudo, a tristeza. Todos já sabíamos como é. E lá fomos todos para casa.

Agora, quinze dias depois, vai anoitecendo cada vez mais tarde. Vou olhando pela janela. É, ainda, inverno.

Estou com saudades dos meus alunos. O peso da distância faz-se sentir. Dizem-me eles que estão com saudades das aulas e da escola. Encontrar-nos-emos daqui a dias. *Online*. Novamente. Veremos como vai ser.

A experiência do ano anterior é uma mais-valia. Sabemos agora o que funcionou, o que funcionou melhor, o que não funcionou de todo. Por isto, quero crer que aquela surpresa e inquietação do “e agora? como vai ser?” já não se põe. Esta muito maior consciência dos constrangimentos e insuficiências que comportam o ensino e a

aprendizagem nestes moldes não permite a nenhuns de nós, alunos e professores, o entusiasmo que sempre se deseja para ensinar e aprender.

Foram quinze dias de recolhimento, de reflexões, de trabalho preparatório. Agora, é o tempo do recomeço. Ouvimos e lemos que vão recomeçar as aulas. Mas sabemos-lo nós, professores e alunos, que as aulas não são as mesmas que tivemos desde o início do ano letivo. Agora é, novamente, o tempo das aulas “à distância”, mediadas pela sofisticada tecnologia de que agora dispomos. Aprende-se, claro. Nunca desvirtuarei, nem as potencialidades da tecnologia no seu bom uso, nem os ambientes digitais de aprendizagem. Contudo, também agora, todos sabemos o quanto mais e melhor se aprende em presença e com proximidade.

Viver uma crise pandémica como esta em que nos encontramos conduz-nos a muitas reflexões; somos levados a alinhar valores, ponderar escolhas, duvidar de crenças e opções, a que habitualmente não dedicamos tempo nem análise. É possível que esta época dramática, com as enormes transformações a que nos obrigou, possa, afinal, propiciar uma maior credibilização social da escola, dos professores e da complexa densidade de que se reveste o ato de ensinar. É que toda a pedagogia comporta, na sua essência, a inegável e luminosa riqueza da presença humana.

Interrogo-me: será que a força brutal desta pandemia terá conferido à dimensão humana a necessária visibilidade? Tê-la-á destacado, evidenciando com lucidez o que valoriza a aula no seu espaço e no seu tempo? Terá permitido considerar o professor, como o pedagogo, aquele que faz com que o aluno aprenda mais e melhor?

Terá trazido, enfim, para o espaço público, a evidência de que no centro da construção da PESSOA se encontra a pedagogia enquanto arte. Façamos-lhe nós, professores, o jus que lhe é devido.

Recomeçemos.

O lado Bom



Ana Paula Silva

Se existir um segredo que nos afaste das frustrações com que a vida sempre nos desafia, talvez este seja a capacidade de conseguir recolher partículas de positividade nas ondas de carga negativa que tantas vezes inundam a nossa esperança de dias claros. Esta espécie de otimismo endógeno que, perante a adversidade, nos leva a respirar fundo, não desarmar com as portas que a vida nos fecha, procurando buracos que possamos transformar em janelas.

Esta característica é fundamental para a vocação de ser professor. Não desmoralizar quando o plano A falha e reconstruir (com os recursos de que dispõe) outros Planos. Pois de A até Omega são bons planos os que funcionam. Os que resultam em aprendizagem e sucesso formativo.

Estes professores estão, neste momento, a ser postos à prova. São professores para quem o aluno é sobretudo pessoa em crescimento e, assim, para que sintam prazer na sua pedagogia falta-lhes a expressão, o sorriso, a interação. Eu sou destes(as). Sinto muita falta das cores, da alegria e até do barulho e dos cheiros (sim, até destes!!!). Para mim a definição de Escola é um tempo de borbulhar de vida, de entusiasmo e de promessas num espaço onde a aprendizagem acontece. Um espaço de gente.

No confinamento a minha frustração está, não no que este me tira da Escola, mas no que impede que Escola me dê. Até esta quinta-feira. Na última quinta e sexta feira encontrei o segredo para minorar a minha frustração. Nestes dois dias voltei a encontrar (quase) a excitação que as aulas presenciais sempre me fazem sentir.

Encontrei-a na plataforma digital que usamos na minha escola e que criou, este ano letivo, uma funcionalidade que permite que o professor, a partir da “sala de aula síncrona” crie salas paralelas para que os grupos de alunos trabalhem autonomamente. No 12º ano as minhas duas turmas de Psicologia estão a desenvolver um trabalho, por

metodologia de projeto, que tem como foco o estudo as diferentes dimensões da temática “Relações interpessoais” e a análise da relação do objeto de estudo escolhido com as eventuais consequências do confinamento para a pessoa enquanto “animal social”.

Cada grupo irá desenvolver a sua pesquisa e estudo “sem rede”. Isto é, não vou lecionar qualquer destes conteúdos, serão os alunos na apresentação dos seus trabalhos que ensinarão os respetivos conteúdos trabalhados aos colegas numa lógica de “aula invertida”.

No nosso horário de @ distância, para além de um tempo assíncrono está estabelecido uma aula dupla de tempo síncrono. Na quinta -feira foi a minha primeira experiência com a referida funcionalidade agora disponível na Plataforma Digital. Começamos a primeira aula analisando as propostas de planificação do trabalho que me enviaram onde desenhavam o seu foco de estudo, objetivos de aprendizagem, recursos, processos e apresentação do produto final. Depois discutimos as rubricas de avaliação do trabalho para clarificar os requisitos de um trabalho de qualidade.

Terminada esta parte essencial de forma coletiva, dividi os grupos pelas salas paralelas para que cada grupo realizasse um brainstorming, distribuisse tarefas e “alinhasse” linhas de ação. De forma autónoma, responsável, autorregulável.

Durante quarenta minutos, fui entrando em cada sala por iniciativa de supervisão ou solicitada pelo/a coordenador/a do grupo tirando dúvidas, potenciando desafios, criando expectativas. FOI INCRIVEL!!

No final do tempo negociado cada coordenador/a de grupo que tinha anotado as ideias e os caminhos de ação, projetando no seu ecrã para o grupo e para mim as conclusões do brainstorming.

Sempre que “entrei” na sala de cada grupo, senti o seu entusiasmo e senti-me entusiasmada. Senti-me parte da(s) várias comunidades(s) de aprendizagem (sem direito a voto, lhe, eh, eh.....)

Foi tão bom, ter encontrado o lado bom da minha frustração. Transformou-se em expectativa.

Que dure até ser renovada pela alegria de estar de volta à minha (nossa) casa de aprendizagem.

Em todo o lado, por todos os meios, o horizonte profissional dos professores tem sido “inundado” por generosa informação sobre a potenciação do ensino à distância. Dão-se conselhos, dão-se dicas para a disciplina na casa de cada um, fazem-se avisos, criam-se comunidades de partilha e até de queixume. Gostaria que se falasse menos em ensino à distância e **se refletisse mais na aprendizagem de quem está longe.**

Enquanto discorro sobre este assunto surge-me a recordação de uma anedota que ouvi do Prof. Miguel Santos Guerra, numa das suas extraordinárias palestras: um certo professor de línguas, com elevada autoimagem classificava de excelente o seu ensino. Dizia ter metodologias e estratégias tão elaboradas e avançadas que conseguia ensinar, de forma excelente, qualquer um ... nem que fosse um cão. Impressionados com a sua (suposta) competência e aceite o desafio, foram buscar um cão. Com mestria ele apresentou todos os seus extraordinários recursos pedagógicos. Quando terminou a sua demonstração alguém, dirigindo-se ao canídeo, ordenou: fala cão!! Claro que o cão não falou. Mas o professor, não desarmando a sua autoestima, explicou: eu afirmei que sabia ensinar de forma excelente ... nunca disse que o cão aprendia!

Para percebermos bem o incómodo do caminhante, não adianta conhecer o caminho é fundamental calçar os seus sapatos (e, se for o caso, percorrê-lo descalço). Assim devemos perceber as dificuldades de interagir com novos conteúdos, de aprender sozinho em casa (os encarregados de educação não devem ser considerados fundamentais nesta equação, pois são uma variável).

Debater problemas de exaustão e dificultadores de concentração com demasiadas aulas síncronas numa manhã ou tarde. Consequentemente, refletir sobre a duração de cada uma destas aulas e tomar decisões colegiais, numa turma, para a gestão equilibrada da quantidade e extensão das tarefas solicitadas – não esquecendo que, para o aluno continuar “ligado” ao compromisso de aprender, o feedback avaliativo de cada tarefa é fundamental. Assim é, não só do interesse do aluno, mas também do professor, sensato potenciar a qualidade desta dinâmica solicitando tarefas muito claras, pouco extensas, focadas e apenas as necessárias para garantir as aprendizagens essenciais, selecionando outras que exigem raciocínios mais complexos para hipóteses

expectáveis de ensino seja o presencial ou o híbrido. É, também pedagogicamente e emocionalmente inteligente, utilizar pontes cognitivas com conhecimentos prévios, já evidenciados como adquiridos, o que constitui um excelente recurso para uma aprendizagem autónoma significativa.

A autonomia é uma das competências mais transversalmente considerada como insuficiente em muitas apreciações que os professores fazem da aprendizagem dos alunos, a que podemos acrescentar défices de iniciativa criativa, de espírito crítico para a recriação da aprendizagem adquirida e de procura de caminhos divergentes de interpretação e argumentação. A aprendizagem à distância é uma oportunidade que não pode ser desperdiçada para explorar estes caminhos.

Mas, também, para negociar com o aluno o âmbito da sua procura e (re)construção de conhecimento e formas de o evidenciar e apresentar. Negociar prazos e compromissos de entrega que o vinculem responsabilmente. Integra-lo, de forma esclarecida e proativa, na avaliação do seu trabalho (e do(s) grupo(s)) disponibilizando as rubricas avaliativas que referenciarão a avaliação do seu trabalho, orientando, através da projeção de diferentes níveis de desempenho, como pode potenciar a sua procura da qualidade, da excelência, pois estão lá identificados todos os requisitos que validam a qualidade desse trabalho. Incentivar à constituição de grupos de trabalho inclusivos que integrem colegas com diferentes graus de dificuldade, de conectividade digital e com inteligências múltiplas que se enriquecem na colaboração. Promover a gestão e coordenação desses contributos através da supervisão qualificada do professor na análise e discussão do feedback (dos alunos) para a motorização do trabalho em desenvolvimento.

Creio que os professores que melhor saberão conseguir que a@d seja efetiva, são os professores que há muito se desafiaram a ensinar apesar do manual. Estes perceberão que um projeto pedagógico deve ser reforçado pela tecnologia e não substituído por esta. Não devemos ir a reboque da tecnologia digital para a aprendizagem, devemos incorporá-la na nossa visão do ensino.

E, ter sempre presente: o digital deve aproximar o professor e o aluno e não afastá-lo.

A avaliação “antisstressante” no e@distância

Ana Paula Silva

Ensina-se para a aprendizagem, ensina-se para avaliar como ensinar melhor. A avaliação e o respetivo feedback são o ecossistema de um professor que faz da avaliação pedagógica a sua norma de ação. O professor que “professa” esta avaliação, está calmo e preparado para avaliar em qualquer contexto de ensino e está tranquilo, por isso, para classificar no final de um período de ensino à distância.

A classificação do 2º período, enquanto certificação, está a chegar mesmo em tempo de pandemia. E alguns professores já vivem no stress da classificação! São os professores que têm da avaliação uma perspetiva fabril, “merceeira” (que soma as classificações dos testes e divide pelo seu número). Angustiam-se porque não está assegurada a autoria da resposta, porque não conseguem medir o conhecimento à distância, porque...

Mas há outros que vivem tranquilos a tarefa que, obrigatoriamente, têm a cumprir. Estes são os que há muito ensinam para o desenvolvimento de competências (segundo Vigovski as competências mais do que ensinadas são aprendidas num contexto formativo). E, com base na recolha de evidências de aprendizagem sabem encontrar, na interação formativa, as indicações para construir os melhores instrumentos de avaliação que possam ser, sustentadamente, traduzidos numa classificação.

Criando critérios claros sobre o que deve ser privilegiado na aprendizagem (e sua avaliação), partilhando com os alunos esta informação fundamental; disponibilizando rubricas sobre desempenhos que orientam a avaliação das tarefas produzidas; com o uso do feedback pedagógico para germinar expectativas para os melhores desempenhos; com a monitorização e supervisão de todo o processo de aprendizagem. Venha a classificação esta avaliação é poderosa!!!

Eu estou neste segundo grupo. Avalio em cada aula síncrona, avalio até no tempo assíncrono que é quando os alunos quiserem. Os meus alunos estão a preparar aulas invertidas no contexto de um projeto que estão a desenvolver. No tempo assíncrono enviam-me elementos parciais do trabalho final para discutir os próximos passos, sendo que a minha intervenção é de amiga crítica qualificada e não de inspetora de caminhos. Hoje recebi, para análise preliminar, um folheto (de uma qualidade extraordinária) de

clarificação de conceitos e conclusões da experiência de Migram que um grupo enviará à turma como suporte para a sua aula, o guião de um podcast sobre a experiência de ASH e a sua relação com comportamentos de conformidade em situação pandémica, um guião de um documentário sobre formas tipificadas de agressividade na relação interpessoal e como esta pode ser potencializada em confinamento, um questionário sobre a intimidade e as suas formas de efetivação nas relações interpessoais e duas propostas de inquéritos e entrevistas para a sugestão de melhor formulação das questões sobre as relações precoces. Isto num dia de trabalho. Com um feedback motivador para que o discutam, enriqueçam e aprendam no processo.

É o que fazem no segundo tempo síncrono. Em salas simultâneas debatem os feedbacks que enviei e que explicitiei mais eloquentemente no tempo síncrono anterior. Quando “entro” em cada umas destas salas, vejo autorregulação da aprendizagem, vejo empoderamento autónomo na gestão do trabalho, conhecimento a ser (re)construído. Mas sinto, sobretudo excitação com o desenvolvimento do trabalho que se reproduz em novas sugestões que acrescentam, que enriquecem.

Nas diferentes fichas de monitorização que me enviam todas as semanas, sei o que cada um está a realizar como parte colaborativa do seu trabalho, no produto final cada um irá mostrar o que individual e em grupo aprendeu e sabe, argumentativamente, defender. No final, um pequeno ensaio irá evidenciar o impacto desta aprendizagem no domínio das Aprendizagens Essenciais que objetivaram o seu trabalho.

E que venha a avaliação. E que venha a classificação. Sem stress! Sem insegurança! Com a certeza de uma decisão pedagógica fundamentada e assumida!

10 proposições para organizar as aprendizagens online



António Andrade

A tempestade tropical Katrina, que ocorreu em 2005, foi responsável pelo encerramento do ensino presencial, em Nova Orleans, e fez emergir o conceito de Ensino Remoto de Emergência, que a humanidade veio a experimentar em 2020 (Hodges et al., 2020). O desenvolvimento de atividades letivas online, replicando o modelo presencial, nada tem a ver com Ensino à Distância, mas nele pode procurar alguma inspiração, para desenvolvimento de uma melhoria progressiva das aulas a distância e de acolher, num futuro próximo, um modelo de ensino híbrido mais integrador.

Os diferentes níveis de autorregulação do público alvo, abrangidos pelo Ensino Remoto de Emergência, em muito influênciam a facilidade de adotar modelos de atividades mais ou menos complexas e ricas em tecnologia.

Este novo e temporário espaço educativo, criado para satisfazer exigências mínimas, deve incorporar a capacidade de ouvir mais, dar *feedback* individualizado, em tempo oportuno, focado na melhoria e não no desempenho. Este sistema está prisioneiro de calendários e de horários rígidos que são fatigantes e que dificultam a adoção de práticas do “verdadeiro” ensino a distância na sua flexibilidade de atender aos ritmos individuais.

Das várias propostas de adoção de tecnologia na educação a TPACK, dos investigadores da Michigan State University, Mishra e Koehler será das mais citadas, pela clareza com que explicita a necessidade de equilíbrio de três poderosas dimensões: conteúdo, pedagogia e tecnologia (Mishra & Koehler, 2006). Sem perder de vista a relevância das duas primeiras dimensões, refletimos sinteticamente sobre dez atributos a considerar na adoção da tecnologia na educação em contexto de Aulas Online.

Professores e estudantes chegam às aulas online com diferentes competências no uso da tecnologia e desiguais condições materiais de acesso. Por essa razão, não se destaca o potencial do uso de jogos e de simuladores, de realidade aumentada, da

internet das coisas, da robótica didática, dos laboratórios remotos e da inteligência artificial que, por um lado, são capazes de fazer despertar um forte e motivacional envolvimento dos estudantes e, por outro lado, de ajudar na missão do professor como será o caso da inteligência artificial (chatbot, correção de trabalhos, etc.).

1. Socializar com a Tecnologia. É fundamental que previamente a qualquer atividade letiva os estudantes e os professores estejam socializados com a tecnologia, evitando o desconforto e a eventual injustiça relativa, em momentos de *stress* da sua real aplicação. Ter uma aula, ou realizar um teste, entre outras atividades, deve ser precedida por momentos de treino apoiado e/ou autónomo.

A escola pode criar um espaço tecnológico de acesso a todos os estudantes para treino das atividades mais comuns (e.g. testes, sessões online, entregas de trabalhos, fóruns). Neste espaço deve partilhar e clarificar os recursos técnicos adequadas para as aulas ou para a realização de um teste online, identificando os procedimentos a ter para que tudo corra pelo melhor (e.g. limpar cache, estar em linha com router, evitar consumo de largura de banda em casa em atividades de lazer, etc.).

2. Condições Técnicas da Comunicação Online. A comunicação online é exigente no plano da tecnologia que tem que estar acessível e que envolve, no mínimo, a largura de banda disponível para som, imagem, vídeo, texto e os ambientes de webconferência licenciados.

No plano prático a câmara do emissor deve estar ao nível dos olhos. A iluminação é fundamental evitando estar em contraluz. Se não for possível desfocar o fundo (Background Blur) ou ter um cenário virtual, escolher um enquadramento menos perturbador da atenção. A qualidade do áudio é fundamental. Ninguém aguenta muito tempo num ambiente com ruído de fundo ou causado por um mau microfone. Por vezes, nesse caso, o uso de auriculares é a solução mais económica e imediata para evitar *feedback*.

O ideal é possuir dois ecrãs para gerir a aula online, tendo num, o sistema de webconferência e no outro, os recursos que deseja partilhar.

3. Comunicação Online. O docente terá que evitar ser omnipresente na comunicação de conteúdos, fomentando a partilha entre pares e dando orientações ao desenrolar das atividades e não apenas na sua avaliação. A dinâmica da comunicação

melhora se puder usar “tinta digital” para escrever sobre diapositivos, textos, num quadro branco ou em qualquer outra situação. Estes “sublinhados” focam a atenção e facilitam a memorização, ao melhorar o processo de processamento de informação que está a ser rececionada.

Sempre que adequado resuma a informação transmitida ou analisada. Estimule a participação e a interação tendo em consideração os diferentes estilos de aprendizagem presentes. Muita atenção à gestão do tempo para encerrar com uma síntese tranquila e indicações de trabalho futuro.

4. Colaboração Online. A colaboração entre docentes e, em particular, entre os estudantes, pode ser estimulada no online. Os sistemas possuem salas de trabalho em grupo com versatilidade para o professor exercer a sua tutoria e envolver o estudante na aprendizagem. Crie tarefas claras, com tempo bem definido e identificação do produto final exigido. Se adequado visite os estudantes nos diversos grupos. Sempre que possível adotar estratégias que contemplem casos, problemas e desafios.

O online facilita a participação de convidados que possam fazer uma pequena intervenção, que enriqueça a centralidade do objetivo de uma determinada aula. Estimula o envolvimento do estudante, quebra rotinas e propicia enriquecimento.

5. Interação Online. A colaboração online enunciada, no ponto anterior, é uma forma de conseguir elevar a interação, mas pode usar outras estratégias quando todos se encontram na sala comum. Por exemplo, ir perguntando se estão a seguir e compreender, se concordam com determinada proposição, então que coloquem como fundo da sua imagem emitida pela câmara a cor verde e, se não estiverem de acordo, que escolham o vermelho como fundo. De seguida tirar partido dessa atividade de foco, para a reflexão apropriada.

Usar outros meios de interação recorrendo às diversas tecnologias disponíveis e muito divulgadas de votação e de *polling* como o Kahoot, Socrative, Mentimeter, Sli.do, etc. Em alternativa o Google Forms e o Microsoft Forms acessíveis pela leitura de um QR-Code que partilhe com os estudantes.

6. Conteúdos Online. A partilha de conteúdos online, sobretudo pelo docente, numa prática de informação direta, muitas vezes suportada por apresentações baseada em diapositivos, não pode ter a mesma abordagem comunicacional do

presencial. No presencial contemplamos a iluminação da sala, para a escolha de cores e de contraste. Os estudantes estão a vários metros do ecrã e o docente estuda as suas reações. No online o estudante está a 30cm do ecrã, do qual não sabemos a sua dimensão. As condições de iluminação são diferentes da sala de aula. O tamanho da fonte deve diminuir no online e o espaçamento da entrelinha deve ser superior ao usado no *offline*. Os estudantes estão habituados a ver uma elevada dinâmica das imagens nos ecrãs e sentem-se sem estímulo, com diapositivos demasiado estáticos e de design comprometedor.

No mínimo, cada oito a dez segundos devemos mudar a imagem, repartindo por diversos diapositivos o seu conteúdo, se não tivermos competência para o desenvolvimento de recursos digitais apropriados ao meio multimédia.

Adotar uma estrutura clara e um design consistente que se replique em todos os conteúdos produzidos. Assim sendo incorporar elementos como: Capa; Sumário ou Tópicos; Objetivos; Desenvolvimento (com separador claro, sempre que muda de “tópico” apresentado no diapositivo dois; Síntese (e.g. mapa mental); Avaliação Formativa; Bibliografia; Tópicos sessão seguinte.

7. Avaliação. Habitualmente o foco está na avaliação da aprendizagem pela sua relevância histórica no sistema. Mas o online propicia a avaliação para a aprendizagem, ou a avaliação como aprendizagem.

Encarar a avaliação como aprendizagem de perfil formativo, dá ao estudante um papel mais ativo de monitorização do seu progresso na aprendizagem.

A avaliação para a aprendizagem também tem uma abordagem formativa que permite aos docentes dados para ajustar o processo de aprendizagem enquanto ele decorre.

Naturalmente que a avaliação da aprendizagem é a comum avaliação sumativa que visa avaliar a aquisição de conhecimento. Os testes podem ser usados como processo de um jogo em que o aluno só avança para o nível seguinte se, no anterior, fez um teste com a nota mínima de x valores. Muitos dos sistemas de gestão da aprendizagem (LMS) têm a possibilidade de implementar esta estratégia. Tem a virtude de, num só sítio, disponibilizar todos os testes e de recolher resultados.

Há imensos recursos para a avaliação formativa. Os mais simples com filosofia de jogo como o Kahoot ou mais formais o Google Forms ou o Forms do Microsoft 365,

com capacidade de exploração em múltiplas dimensões de ecrãs. Esta avaliação pode ser feita no final da sessão ou no período que decorre até à próxima edição da aula. A avaliação pode estar embutida nos materiais em ambiente digital ou com acesso facilitado via Qr-Code.

Para estudantes com maior autonomia, os sistemas de avaliação por pares, que alguns LMS possuem, são uma estratégia de envolvimento importante com bom retorno na aprendizagem.

Do mesmo modo o controlo de plágio pode estar incorporado em alguns LMS, pois é uma problemática que tem especial acuidade no ensino superior, quando nos encontramos perante a globalização das fontes de informação.

A realização de testes seguros, a distância, podem adquirir melhor credibilidade se apoiados por sistemas que bloqueiam o uso do computador, para além de possibilitar a realização do teste e que podem, ou não, ter associado um sistema que filma o estudante e, no final, produz para o docente um relatório com detalhe dos casos suspeitos (LockDown Browser).

8. Sistema de Gestão da Aprendizagem (LMS). Os LMS de que o Moodle e a Blackboard são duas de várias soluções disponíveis a que se associam plataformas versáteis para o trabalho de equipa, com facilidade de incorporar ferramentas de suporte ao ensino, como é o caso do Microsoft Teams são recursos que, se bem dominados, ajudam o trabalho de gestão do ensino e da aprendizagem. Tipicamente estes sistemas permitem:

- Planear atividades, pela via da função calendário, que vai alertando os estudantes para momentos importantes da disciplina.
- Disponibilizar conteúdos para download ou para execução embebida na plataforma;
- Solicitar a entrega de trabalhos individuais ou em equipa. É um sistema que cria uma espécie de “conta corrente” por estudante, com o seu histórico, através de uma pauta automática de controlo. Permite ainda a avaliação de trabalhos. Aqui o docente com tinta digital pode anotar o trabalho e com uma grelha de avaliação associada pode avaliar e dar *feedback* automático com detalhe para diferentes atributos. Facilita ainda deteção de plágio dos

documentos entregues. Caso um trabalho seja de grupo o *feedback* pode ser automático para todos os seus elementos. Desta forma o docente acelera o seu trabalho e melhora a relação personalizada com o estudante.

- Integra ambientes de sala de aula online com acesso autenticado dos estudantes inscritos, na turma ou na disciplina.
- Permite criar alertas que facilitem ao professor identificar estudantes que não cumprem com as atividades ou têm fraco desempenho nas avaliações formativas ou sumativas.
- Têm meios para centralmente identificar objetivos de aprendizagem e, no terreno, estudar a sua aplicação e resultado.
- Recursos para fóruns facilitadores de atividades de reflexão e aprofundamento que podem ser implementados com horizontes temporais bem definidos, e regras e ritmos de participação exigidos e, eventualmente, avaliados.

9. Suporte Tecnológico. O Ensino Remoto de Emergência deve contar com um sistema de suporte para apoio técnico e pedagógico. Como foi explicitado no ponto um “socialização com a tecnologia”, o departamento de tecnologias da informação tem um papel importante na criação deste espaço, de facilitar o seu uso e de explicitar as condições técnicas para acesso a aulas e a provas de avaliação a distância. O apoio pedagógico pode garantir a formação dos docentes e esclarecer e inspirar os professores na adequação da tecnologia na sua área de ensino.

10. Avaliação da Satisfação. A escola poderá adotar um sistema de avaliação da qualidade adequado para o ensino remoto de emergência, baseado nas diversas propostas da academia e que se poderão organizar em torno das seguinte classificação: avaliação do envolvimento e da satisfação, avaliação dos ambientes de aprendizagem online, avaliação do comportamento, percepções e eficácia do sistema, avaliação do progresso dos estudantes e da sua disponibilidade para estudar online.

Simplificando, o modelo deverá incorporar sempre as seguintes três dimensões: Tecnologia de Suporte, Modelo de Ensino e Aprendizagem e Resultados do Processo.

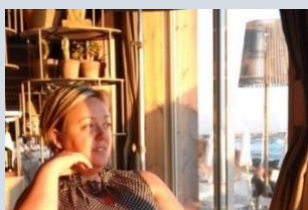
Em síntese, foram apresentados diferentes atributos, cuja morfologia, sistemicamente considerada, influi na qualidade global da formação online. A sua incorporação e desenvolvimento pode abrir portas a um ensino híbrido mais inclusivo, para superar a ausência de quem temporariamente estiver impedido de frequentar a escola, ou necessite de apoio para além dos muros do espaço tradicional de formação, ou ainda, por outras razões, especialmente mais evidentes no ensino superior graduado e pós-graduado.

Referências Bibliográficas

Hodges, C., Moore, S., Lockee, B., Trust, T., & Bond, A. (2020). *The Difference Between Emergency Remote Teaching and Online Learning*. <https://er.educause.edu/articles/2020/3/the-difference-between-emergency-remote-teaching-and-online-learning>

Mishra, P., & Koehler, M. (2006). Technological Pedagogical Content Knowledge: A framework for teacher knowledge. *Teachers College Record*, 108(6), 1017–1054.

Dez verbos para aprender quando se ensina à distância



Carla Lopes

Quando se ensina à distância para fazer face à pandemia que o mundo enfrenta, todos somos testados até ao limite. Lidamos diariamente com a vulnerabilidade, a adversidade e o risco e é em circunstâncias como esta que conhecemos a nossa real capacidade de adaptação. Abrimos portas, janelas e até postigos para criarmos oportunidades e encontrarmos soluções.

Pois bem, inspirada numa das aulas do Professor José Matias Alves, que por sua vez se inspirou em Miguel Santos Guerra, venho apresentar aqui os dez verbos aos quais tenho recorrido diariamente para dar aulas online a crianças com idades compreendidas entre os sete e os 10 anos. Sim, também eu, como tantos outros professores, tive de abrir uma grande janela para o mundo dos meus alunos e conjugar todos os dias os verbos que se seguem.

1. Reorganizar o espaço da secretária lá de casa de forma que se encontrem disponíveis e acessíveis todos os materiais necessários para dar uma aula mágica, porque é isso que os pequenotes estão à espera e há que não forjar as suas expetativas;

2. Adaptar formas de trabalho e recursos a utilizar para que se levem a cabo aprendizagens significativas, apesar das circunstâncias estarem bem longe das ideais;

3. Compreender a falta de concentração, no que diz respeito aos conteúdos, afinal têm saudades dos amigos, querem conversar e de preferência todos ao mesmo tempo, porque o tempo é escasso e a distância é muita e há que aproveitar para mostrar o gato, o cão e o coelho e tantas outras coisas que os fazem felizes;

4. Motivar aqueles alunos que perdem a vez de participar, porque demoraram muito tempo a ligar o microfone ou porque na cozinha onde assistem à aula, ouvem também a varinha mágica, a televisão e tantas outras coisas incompatíveis com o normal funcionamento de uma aula;

5. Imaginar que estamos numa sala de aula onde se sente o cheirinho a livros e a lápis de cor, onde se sentem os abraços quentinhos que nos dão quando chegam pela manhã, onde se ouvem as gargalhadas deles no recreio da escola;

6. Amar muito todos os que apesar da distância não desistem de estar connosco mesmo que através de um ecrã, aqueles que gostam de construir as suas aprendizagens, que questionam porque querem saber sempre mais;

7. Criar laços, apesar dos abraços reais não poderem existir;

8. Partilhar sorrisos, palavras doces, partilhar conquistas e fracassos, tudo para que a solidão não tenha lugar;

9. Incluir todos os que por algum motivo têm dificuldades de inclusão, incluí-los nas aprendizagens, nas conversas, nas histórias partilhadas, incluí-os num ensino à distância para que não se sintam tão longe do mundo que é de todos;

10. Acreditar que o momento que atravessamos é só uma passagem e que rapidamente estaremos na outra “margem”, aquela onde os abraços, as conversas, as leituras sem falhas de internet são possíveis e reais, são sobretudo presenciais.

É certo que temos de conjugar estes verbos também no regime de ensino presencial, mas nessa situação são conjugados quase que de forma inconsciente, no ensino à distância há uma maior necessidade de os conjugar, pois é com ajuda deles que criamos oportunidades para realizarmos novas aprendizagens.

7 tweets para uma jovem colega



Carlos Café

Inspirado nas “Cartas a um Jovem Poeta”, de Rilke, Agostinho da Silva escreveu um livro sobre pedagogia intitulado “Sete Cartas A Um Jovem Filósofo”. Nele, refletia sobre a função de professor e apresentava conselhos ao Luís, um jovem professor de Filosofia.

Uma vez que a proposta que me foi feita se inspira na ideia de manifesto, resolvi adotar um estilo assumidamente interpelador na forma de pequenos fragmentos, que, por analogia, designei tweets, e que são, num certo sentido, a forma que o discurso polémico e assertivo assume nos nossos dias.

Aqui fica, então, o meu contributo. Julgo fazer o que se espera que o filósofo faça: fazer pensar. Não esquecendo, contudo, as palavras sábias de Agostinho da Silva: “*Os meus conselhos devem servir para que você se lhes oponha. É possível que depois da oposição venha a pensar o mesmo que eu; mas nessa altura já o pensamento lhe pertence*”.

1. Pensa. Mas não penses em ti, nem como costumas pensar. Pensa como os teus alunos. Quero que adivinhes as perguntas inseguras deles: *fico com o nariz grande no ecrã? A minha voz vai soar ridícula? Tenho a t-shirt da minha banda preferida a lavar; que é que eu vou vestir? O meu cabelo estará bem?* Queres que pare com as perguntas? Estás a sentir-te desconfortável? Perfeito. Agora já podes pensar no que vais fazer nas tuas aulas online.

2. Queres estratégias para impedir que os alunos saiam da sala sem tu dares conta? Estás a pensar estipular uma percentagem nas atitudes para isso? Esquece, isso não interessa para nada. A pergunta que tens de fazer é outra: o que devo fazer para que eles queiram estar na minha aula até ao fim?

3. Já reparaste que a maioria das tuas preocupações têm a ver com as dúvidas que tens quanto ao modo como vais avaliar os teus alunos? Para de pensar em como vais dar as notas, para de ter medo de errar, para de ter medo dos recursos dos pais. Mas, acima de tudo, para de pensar em ti e nas tuas avaliações. O objetivo da escola não são as notas que tu vais dar, são as aprendizagens que aos teus alunos vais proporcionar. Não interessa tanto a dificuldade em dar notas, mas sim a qualidade do que se aprende.

4. Eu não estaria tão orgulhoso do monte de fichas e atividades que já criaste para os alunos trabalharem autonomamente. Sim, claro que estão tecnicamente bem feitas: respeitam as *Aprendizagens Essenciais*, estão organizadas por competências e isso tudo. Mas a questão não é essa. Pensa comigo: se os alunos não têm hábitos de trabalho e precisam que lhes estejamos sempre a explicar o que têm de fazer (como se ouve dizer a toda a hora nos conselhos de turma), que sentido tem esperar que, agora que estão sozinhos em casa, vão superar tudo isso e compensar com trabalho autónomo as aulas que tu não vais poder dar? Repara nesta fórmula, digna de um filme: alunos excessivamente dependentes do professor + menos aulas + mais trabalho autónomo = aprendizagens bem-sucedidas. Sou só eu que vejo aqui a tentativa de encontrar a quadratura do círculo?

5. Tens à mão uma máquina de calcular? Sim, o telemóvel serve perfeitamente. Vamos somar o tempo que tu achas que os teus alunos demoram a resolver as fichas que lhes vais mandar para fazer durante a semana. Já está? Agora multiplica por 2. Sim, porque sem tu lá estares para ajudar eles vão demorar pelo menos o dobro do tempo. Acrescenta 1 hora (no mínimo) para os tempos mortos durante a realização das tarefas (ver o telemóvel, mandar sms, jogar um jogo, etc.). Já somaste tudo? Pois bem, é este o “Plano de Trabalho Semanal” em que te deves focar, não aquele todo *xpto* que o teu departamento aprovou para ser ratificado no conselho pedagógico.

6. Não, não estou só a dizer mal. Pediste-me que te ajudasse a pensar melhor as tuas aulas online e é isso que estou a tentar fazer. Mas, se é dicas que queres, também te dou algumas. Aqui vão elas, então.

A primeira tem a ver com as expectativas dos alunos face às aulas. Lembras-te de falarmos no receio que tens de eles saírem da aula e não ficarem até ao fim? Pois bem, faz como eu. (Sou um sortudo, não preciso disto com os meus alunos, faço-o pelo prazer que nos dá). Em cada aula, há um aluno que escolhe uma música segundo um critério

pouco habitual (música que associamos a uma cor, por exemplo). É com essa música que terminamos a aula. Depois, quem escolheu diz quem vai escolher para a próxima aula e indica também o critério (música que te faz lembrar a infância, por exemplo). E assim sucessivamente...

A segunda dica tem a ver com a avaliação dos alunos, que tanto te preocupa. Queres diversificar e queres que os instrumentos que substituem os testes sumativos que não vais poder fazer sejam credíveis? Estás preocupada porque tens cento e tal alunos (como no meu caso)? Olha, eu estou a pensar fazer perguntas sobre diferentes competências em algumas das aulas síncronas e eles têm 2 minutos para me responder via WhatsApp com mensagem de voz. Eu depois ouço uma a uma e atribuo uma classificação. Tudo deve ser avaliado, mas nem tudo tem de ser avaliado através da escrita, certo? Além do mais, explicar oralmente as nossas ideias com clareza é fundamental. Mesmo os alunos mais cétricos acabarão por reconhecer isso, que mais não seja quando tiverem a primeira entrevista de emprego...

Terceira dica: envolve as famílias. Eles estão em casa, é uma excelente oportunidade para envolver os pais, os irmãos e os avós nas suas aprendizagens. Em Filosofia, um exemplo clássico é o dilema do trólei, que normalmente se refere nas aulas de Ética. Desviar o trólei e matar 5 pessoas para salvar 50: sim ou não? Quando, na aula, discutirem o assunto, não serão apenas os teus alunos que estarão lá: serão eles e a riqueza de um debate filosófico improvável que juntou a família ao serão...

Quarta e última dica, esta relacionada com a manutenção dos laços afetivos e a entreajuda. Diz-lhes que criem pares pedagógicos para estudarem online em rede. Como as alcateias: os lobos não deixam ninguém para trás. Estão relutantes, talvez porque receiam que lhes “calhe” um colega que não conhecem ainda muito bem? Cria uma tarefa sobre uma competência mais subtil (raciocínio lógico, por exemplo) com 2 perguntas e 2 momentos: responder à pergunta e avaliar a resposta do colega, com base nos descritores previamente fornecidos por ti. Uma coisa simples, tipo avaliar de 1 a 5. A tarefa conjunta de ambos é, depois, enviada para ti, que a avalias também de 1 a 5. Até podes assumir que a classificação final será uma síntese entre a tua avaliação e a deles. Sim, os alunos podem e devem intervir no processo de avaliação. Já agora, eles são normalmente justos, muitas vezes até bem menos generosos do que nós.

7. Para finalizar: ouve os teus alunos antes de tomares as decisões sobre as adaptações aos critérios e instrumentos de avaliação. Apresenta-lhes as tuas ideias e pede-lhes que te digam as deles. Faz perguntas concretas e intuitivas como: o que sugerem para substituir a avaliação da competência x ou y que fazemos habitualmente nos testes? Eu vou fazer isso antes da reunião do grupo disciplinar para tomarmos esta semana decisões nessa área. Não faz qualquer sentido deixar de fora deste processo os alunos do secundário, pelo menos.

Vê bem: se há momento histórico e profissional em que estamos mais próximos dos nossos alunos e mais necessário se torna pensarmos em conjunto em estratégias para enfrentar uma situação completamente nova para todos – esse momento é precisamente este.

Não me perdoaria se não aproveitasse esta oportunidade para desaprender das ideias feitas e renovar-me pedagogicamente com a ajuda dos meus alunos.

O Futuro pertence-nos e começa a desenhar-se hoje.

Carlos Café

Professor de Filosofia na Escola Secundária Manuel Teixeira Gomes, em Portimão

10 proposições para uma aprendizagem online



Cornélia Castro

Ensino online, E@D (ensino a distância), ensino remoto de emergência ou ensino presencial, poderiam ter sido incluídas na lista das palavras/expressões do ano, na lista da Educação.

Os professores do ensino não superior não são especialistas em E@D, que frequentam/“praticam” apenas (quase) como alunos. São, no entanto, especialistas em emergências, presenciais ou a distância.

Apreciando mais a designação de ensino remoto de emergência, as ideias serão aquelas que me irão surgindo ao correr da pena, decorrentes da minha prática e resultantes de uma curiosidade permanente sobre a problemática da integração do digital na prática pedagógica, sem muitas certezas e bastantes dúvidas, mas crente de que é no agir, no fazer acontecer, sem medo de errar que a evolução e o aprender acontecem.

No final de janeiro decorreu em Portugal o evento Building the Future e, numa das conferências, no Eduday, Xavier Aragay, parafraseando St. Exupéry, referiu o seguinte (adaptado): “Se queres construir um navio, não reúnas os homens e as mulheres para lhes dar ordens, para lhes explicares cada detalhe. Se queres construir um navio, apela primeiro ao coração dos homens e das mulheres e ensina-os a desejar a infinita imensidão do oceano...”.

Sendo o professor detentor de conhecimento pedagógico e didático e capaz de refletir sobre o seu trabalho e aquilo que pretende para os seus alunos com base, quer no Perfil do Aluno à Saída da Escolaridade Obrigatória, quer nas Aprendizagens Essenciais, então são os professores quem tem de sentir a necessidade de se FORMAR e, portanto, ESTUDAR nas áreas em que sabem ter mais fragilidades. Vivemos em tempos em que informação credível e com qualidade se encontra na Internet (webinars, MOOCs, workshops, conferências, palestras, seminários, ...), pelo que compete ao professor selecionar aquela que considera a formação adequada às suas necessidades.

Aprender com o passado,
Confiar nos outros,
Formar e formar-se,
Questionar,
Estudar, colaborar, partilhar,
Acreditar em si,
Intervir,
Agir,
Fazer acontecer,
Solidarizar-se com, emocionar-se,

podem, assim, (continuar a) ser algumas ideias, de entre inúmeras, para refletir no regresso ao online.

Segundo Nicholas Burrey Butler, “(...) o mundo tem três tipos de pessoas: um pequeno grupo de pessoas que faz com que as coisas aconteçam, um grupo maior que assiste às coisas a acontecerem e a grande maioria que nem sabe o que está a acontecer”, a fazer lembrar a metáfora do lápis de Lindy McKeowns.

A propósito desta afirmação, recordei do online, um cartoon que caricaturiza, por um lado a posição dos governos no que respeita a decisão de apetrechar com equipamento informático as escolas e, por outro, e sobretudo, os professores (alguns) que criticaram os elevados investimentos realizados e, que por isso, os ignoraram durante cerca de duas-três décadas até que, chegada a pandemia, pediram ajuda.

Por outro lado, ao longo do tempo, com a paulatina modernização do equipamento informático nas escolas, muitos professores, recorreram ao digital no processo de ensinar e aprender. Com aqueles, as aulas aconteciam presencialmente – como com todos –, em sala de aula, com a tecnologia clássica habitual – cadernos, manuais, livros, canetas, lápis, borracha, régua, compasso, ... – mas o digital era incorporado no processo e, de tal modo, que permitia que a interação professor/aluno se prolongasse para lá do espaço delimitado da escola, pelo espaço da casa de cada aluno ou outro qualquer lugar.

Clamou-se por formação ou pela falta dela para justificar a sua não frequência ou a escolha de outras opções, apontaram-se muitos constrangimentos, e o tempo seguiu inexorável.

Durante mais de uma década (na verdade, foi mais tempo), esgrimiou-se contra o uso do digital na sala de aula, ora porque a “ideia peregrina” de o integrar nas práticas docentes era apenas e só para satisfazer negócios com as grandes empresas de tecnologia, ora porque a integração do digital seria a panaceia para conseguir mais e melhores aprendizagens.

Os anos passaram e houve escolas e professores que acompanharam a contemporaneidade ao ritmo certo e outros, que viveram a vida profissional de forma mais ao ritmo dos seus dias.

E assim, chegados a março de 2020, num intervalo repentino, a emergência consistia em ensinar e fazer aprender à distância... de muitos cliques.

As escolas organizaram-se a todos os níveis e emprestaram equipamentos aos alunos que não os tinham. Os professores compraram equipamento e/ou atualizaram aquele de que dispunham. No imediato, foi preciso agir para tentar não deixar ninguém para trás e exercer-se uma CIDADANIA solidária.

Num segundo momento – que se antecipava –, todos estarão melhor preparados para enfrentar este ensino remoto, que continua a ser de emergência.

Entre os dois momentos, publicaram-se artigos científicos, a nível mundial, que apresentam as mesmas conclusões: a sociedade e os governos continuaram a não resolver as desigualdades e assimetrias sociais e culturais, as instituições/escolas não estavam organizadas para o ensino online, as famílias não estavam preparadas para uma diferente logística que o teletrabalho de uma família exigia, o mercado não estava pronto para satisfazer a procura exponencial de material informático, as operadoras distribuidoras de Internet não reforçaram os seus mecanismos para garantir acesso com qualidade mínima, os professores sentiram a falta dos seus alunos, os alunos sentiram a falta dos seus amigos e dos seus professores. Em súpula: nos países ninguém se preparou na totalidade e todos preferiam o ensino presencial, uma vez que consideraram que o ensino presencial seria o melhor para a aquisição de aprendizagens. Outros dizem que o ensino a distância será o futuro e como sempre, para que o equilíbrio permaneça, defende-se um ensino híbrido (ou misto).

Perante uma catástrofe ou emergência – como já acontecera antes, mas não a este nível global – é imperativo AGIR. Mas todos têm de o fazer. Uma nação constrói-se e desenvolve-se com o empenho de todos.

A resistência de alguns professores perante o uso do digital na escola, parece, em certa medida, paradoxal. Os professores ensinam de acordo com as suas crenças pedagógicas, é certo, mas não é possível ficar indiferente à evolução da sociedade que nós, os humanos, vamos criando e à disseminação e obrigação do uso do digital em todas as áreas societárias. Na sua formação inicial, o professor estudou que APRENDER e FORMAR-SE não são atos esporádicos, antes ocorrem permanentemente e ao longo da vida e não creio que algum ser humano não tenha, intrinsecamente, noção de que tem, naturalmente, de o fazer.

Assim é que, este regresso ao ensino remoto de emergência parece estar a ser menos doloroso e mais exequível para aqueles que não puderam/quiseram, no interregno presencial, continuar a incluir o digital nas suas práticas pedagógicas. Para os que o fizeram, são tempos de COLABORAR com os outros, PARTILHAR ideias, fazer com que ACREDITEM EM SI, continuar a INTERVIR e a QUESTIONAR. Os que podem e sabem, devem FAZER ACONTECER. Devemos CONFIAR NOS OUTROS: confiar na tutela (mesmo quando, por vezes, se parece com um “inimigo”), confiar nas escolas, confiar nos professores, confiar nos alunos, confiar nos pais. Perceber que há circunstâncias que não estão ao nosso alcance conseguir mudar, mas MUDAR aquilo que podemos. Podemos, ainda, continuar a emocionarmo-nos com as vitórias dos nossos alunos. Perceber, agora sem máscaras, e não só através dos seus olhares, se se encontram bem.

Espero que a Ciência continue a poder desenvolver-se para que pandemias que nos tornam a vida muito complicada e do avesso possam ser rapidamente debeladas.

Nenhum humano escolheu viver em tempo de pandemia, embora se possa escolher aprender em E@D. No ensino não superior, o ensino remoto é apenas uma emergência “momentânea” da qual sairemos todos com mais conhecimento. Temos é de nos lembrar das experiências vivenciadas quando voltarmos ao ensino presencial, para que continuemos a desejar estar neste imenso oceano que é a Escola.

Hiperligações

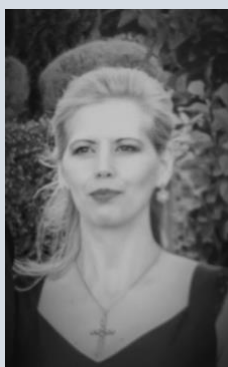
<https://buildingthefuture.pt/>

<https://twitter.com/xaragay/status/1352182799218970630>

<https://www.nobelprize.org/.../1931/butler/biographical/>

<https://www.teachthought.com/.../pencil-metaphor-how.../>

Ensino@distância. 10 proposições para a aprendizagem.



Fátima Almeida

Quando as escolas se depararam com o ensino à distância e se multiplicaram afirmações assentes no quanto não havia condições para se continuar, ocorreram-me imagens de escolas destruídas por anos de guerra. Aproximando a lente, encontrei as catástrofes internas mais ou menos escondidas e mais ou menos ignoradas de alunos e de professores que, apesar disso, lá estavam - mais corpo que alma – presentes.

Não há condições. Não há recursos. Não há paz. Não há saúde. Para mais gente. É a constatação partilhada. Porque não há condições há muito tempo para o João. O Manuel não tem recursos. A Paula nunca teve paz. O Miguel nasceu sem saúde.

Desde o início que se sabia que não íamos ficar bem, mas que tudo iria continuar para quem ficasse, como sempre.

Esperando obedecer ao repto lançado – e agradecendo o desafio -, seguem-se dez ideias pensadas sobretudo para professores de educação especial (e também para professores de apoio educativo):

1. Privilegiar o tempo síncrono. Proporcionar, sempre que possível, 100% do tempo síncrono disponibilizado para apoio direto ministrado por professor de educação especial. Mais do que nunca, os alunos necessitam desta intervenção, quer para cumprimento do definido em planificação anual – áreas causais das dificuldades manifestadas -, quer para lhes serem facultadas orientações no estudo em casa à distância. A autonomia nestes alunos não se constrói pedindo-lhes que sejam autónomos. É um processo de automatização de procedimentos, com percursos definidos, repetidos, pensados, verbalizados, em que o papel do técnico é fundamental. A certa altura, espera-se que se tornem autónomos nas tarefas para as quais foram treinados e, num processo de transferência, noutras. Contudo, não será o ensino à

distância que fará o milagre de os tornar autónomos. Se os alunos se sentirem verdadeiramente apoiados, investem mais nas atividades (Jung & Lee, 2018).

2. Manter o foco de uma intervenção especializada. No caso de apoio direto facultado fora de sala de aula (preferencialmente quando os alunos não têm outras aulas), é importante utilizar estratégias que possam socorrer-se de tecnologias, de forma a ampliar a interatividade. Conseguir manter vitalidade, dedicação e foco (Schaufeliet al., 2002) requer que todas as aulas sejam pensadas para o aluno em questão, tendo em conta os recursos que ele tem (computador, tablet, telemóvel): poderá haver áreas causais mais fáceis de serem trabalhadas à distância, pelo que o foco deverá ser esse, em detrimento de outras mais inacessíveis com a distância.

3. Ter em mente qual é o papel do professor de educação especial dentro da sala de aula. Quando a opção da escola tiver ido no sentido de a intervenção direta do professor de educação especial ter lugar dentro de sala de aula, seria importante que este docente planificasse em articulação com o professor da disciplina, na qualidade de professor especialista, aulas com recurso ao DUA (desenho universal para a aprendizagem) e a metodologias ativas de aprendizagem. Também à distância. Salvaguardando situações muito específicas, circunstância em que teria de haver um professor de educação especial por aluno – refiro-me àqueles alunos que verdadeiramente necessitam deste professor a acompanhá-los nos momentos letivos -, é esse um dos papéis do professor de educação especial em sala de aula (o outro pode ser o de amigo crítico). É urgente perceber a diferença entre professor de apoio educativo e professor de educação especial!

4. Articular com pais. O papel dos pais de alunos com necessidades específicas no ensino à distância é fundamental (Ayda, 2020). O professor de Educação especial pode dinamizar sessões para pais sobre o estudo à distância, focando questões de estudo gerais e específicas, estas relacionadas quer com ‘problemáticas’ que requerem uma atenção particular por parte dos pais, quer com a dinâmica de estudo não presencial.

5. Articular com os restantes professores. Recordar junto dos professores de ensino regular que as medidas de suporte à aprendizagem e à inclusão (DL 54/2018, de 6 de julho) se mantêm no ensino à distância: há alunos que continuam a precisar de mais tempo, de diferenciação de tarefas, de leitura de enunciados...

6. Recorrer ao professor que está no apoio educativo. Os professores de apoio educativo (professores que têm como objetivo trabalhar conteúdos curriculares - não estou, portanto, a falar dos professores de educação especial) podem articular com os professores das disciplinas/professores titulares e dividir turmas em grupos de trabalho a decorrer ao mesmo tempo: desta forma poderia aumentar-se o número de horas síncronas, que creio serem mais benéficas para alunos sobretudo mais novos e, mais ainda, com dificuldades na aprendizagem. O trabalho assíncrono é útil para bons alunos, para alunos com um grau satisfatório de autonomia ou para crianças que possam contar com acompanhamento em casa.

7. Potenciar esta aprendizagem coletiva: nada dura para sempre. Ainda bem, a maior parte das vezes. Grande parte do processo de desenvolvimento de resiliência é pessoal. O momento presente, por outro lado, é compreendido por todos: as dificuldades que surgem do percurso escolar são partilhadas e existe uma preocupação central pela sua resolução... É, portanto, uma oportunidade de aprendizagem acompanhada de uma competência-chave. Alarcão e Sotero (2020, p. 93) falam em aspetos essenciais para o desenvolvimento da resistência do ser humano, e a escola poderá ter um papel importante nos tempos que correm para este treino, em tempo real: “Dar um sentido à adversidade”, “Ter um olhar positivo”, “Manter e aumentar a esperança”, “Ser ativo em direção a um futuro desejado”, “Não se focar no desejo de regresso a um passado que não vai mais existir”. Os professores de educação especial poderão usar estes tópicos como ponto de partida da sua intervenção.

8. Colaborar em/Criar respostas para necessidades materiais. Irá crescer o número de alunos com dificuldades. As respostas institucionais há muito que são insuficientes – espera-se que a verba europeia seja bem canalizada (a esperança é um aspeto essencial de resiliência).

9. Criar programas de tutorias pedagógicas que consigam compensar algumas das falhas que necessariamente surgem e irão existir na sequência desta etapa

10. Criar comunidades de apoio emocional na escola. Propor clubes de debate online e, futuramente, presencial, moderados por técnicos com formação na área do treino da inteligência emocional.

Referências bibliográficas:

- Alarcão, M., & Sotero, L. (2020). Resiliência. <http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&AuthType=ip,uid&db=edsrca&AN=rcaap.com.uc.10316.90731&lang=pt-pt&site=eds-live&scope=site>
- Ayda, N. K., Bastas, M., Altinay, F., Altinay, Z., & Dagli, G. (2020). Distance Education for Students with Special Needs in Primary Schools in the Period of CoVid-19 Epidemic. *Propósitos y Representaciones*, 8(3), 430. <http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&AuthType=ip,uid&db=edb&AN=147741865&lang=pt-pt&site=eds-live&scope=site>
- Jung, Y., & Lee, J. (2018). Learning engagement and persistence in massive open online courses (MOOCS). *Computers & Education*, 122, 9–22. <https://doi.org/10.1016/j.compedu.2018.02.013>
- Schaufeli, W. B., Martínez, I. M., Pinto, A. M., Salanova, M., & Bakker, A. B. (2002). Burnout and engagement in university students: A cross-national study. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 33, 464–481. <https://doi.org/10.1177/0022022102033005003>

10 proposições para organizar as aprendizagens online



Filipa Araújo

Nestes tempos tão atípicos, difíceis que estamos a viver, há necessidade de termos Esperança!

Tal como aconteceu em 13 de março de 2020, regressamos ao ensino online, a um ensino remoto de emergência, no qual alunos e professores se deparam com novos desafios, mediante a utilização de Ambientes Virtuais, procurando novas formas de ensino-aprendizagem. Para que tudo possa acontecer com o mínimo de eficácia, perante esta nova realidade que afeta tanto a vertente da aprendizagem (aprender a aprender), mas também a parte física, emocional e social, há necessidade de termos em consideração todos os alunos, não deixando ninguém para trás, nomeadamente aqueles que infelizmente, por condições económicas não podem usufruir de um equipamento informático com acesso à internet. Neste sentido, precisamos de reunirmos todas as sinergias, Ministério da Educação, autarquias, escolas, professores, no sentido de mitigar todas estas desigualdades, indo ao encontro de uma sociedade mais justa, igualitária, democrática para que ninguém fique para trás. Tal como está referido no Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatório, nomeadamente nos princípios que o orientam - Inclusão “(...) todos os alunos têm direito ao acesso e à participação de modo pleno efetivo em todos os contextos educativos” (Martins et al, 2017).

Para incutirmos tantos nos professores, como nos alunos, a tal Esperança, temos necessidade de analisar pormenorizadamente algumas das questões que nos inquietam. Desmotivação docente online? Cristalização das práticas e desinteresse dos alunos? Como conseguir chegar a todos os alunos, de forma síncrona e assíncrona? Quais as melhores estratégias para esta turma? Qual a melhor estratégia para a Maria, João,

José...? Como conseguir alterar o rumo desta dura realidade e conseguir motivar os alunos a aprender?

Uma vez que a missão da escola é assegurar que cada aluno tenha um perfil de aprendizagem e não um perfil de sucesso, temos necessidade de nos focarmos nas aprendizagens essenciais, nos conhecimentos fundamentais que construam um verdadeiro saber para TODOS os alunos, no sentido de conseguirmos alcançar o verdadeiro desígnio que é aprender.

Para trilharmos o caminho da esperança, necessitamos de uma constante autorreflexão, autoquestionamento, de dialogar, de partilhar, cooperar, inovar, criar para melhorar as nossas práticas e construindo possíveis cenários, pensando sempre no amanhã, na Educação do Futuro, passando quiçá por um Ensino Híbrido.

Neste sentido, as 10 proposições para organizar as aprendizagens online, numa perspetiva pessoal poderão ser:

1. Presença e Relação Pedagógica - Entrar na Sala de aula e verificar se estão TODOS os alunos, tentando procurar entender o motivo de alguma possível ausência e solicitar a cada um dos alunos, um aspeto muito positivo, vivenciado no dia anterior ou no próprio dia.

2. Objetivação - Apresentar o sumário e os principais objetivos da aula ilustrando através de alguns exemplos práticos o que se pretende (por exemplo, apresentação de exemplos – produtos finais o mais interativos possíveis, no sentido de despertar a atenção dos alunos para a importância do processo, desenrolar da aula.

3. Revisão - Fazer a revisão dos conceitos da aula anterior, se possível através de um esquema/mapa mental (podemos utilizar as seguintes ferramentas tecnológicas: Mindmup, Mindmeister, Coggle, Popplet e Mindomo), onde os alunos interagem com a docente e colocam todas as possíveis dúvidas.

4. Apresentação e Diagnose - Apresentar os objetivos da aula. Se for por exemplo um assunto de âmbito geral (Sustentabilidade – Biodiversidade), poderemos fazer a diagnose através da utilização de questionários/gamificação, utilizando, por exemplo as seguintes ferramentas: Kahoot, Socratic, Quizizz; AhaSlides e Zzhish, onde temos oportunidade de ver os conhecimentos de cada um. Para além do questionamento por gamificação podemos pedir para analisarem um artigo atual sobre a temática em causa e cada um fazer um comentário oral (diálogo, debate) ou, por exemplo, colocarmos um

vídeo sobre o tema em causa e à medida que o vídeo surge os alunos respondem às questões, utilizando a ferramenta - Vídeo – Quizzes – EdPuzzles.

5. Exemplificação e partilha de aprendizagens - Devemos realizar sempre que possível um exemplo prático, aquando da explicação de um dado conceito simples a lecionar ou já lecionado, através da utilização da metodologia - instrução direta, no qual cada um dos alunos coloca em prática, o conceito lecionado e depois partilha com a turma (exemplo – dramatização - sala de aula invertida - Flipped Classroom – os alunos no centro do processo de ensino aprendizagem).

6. Feedback Oral/Regulação da aprendizagem – O docente deverá verificar se todos os alunos conseguiram atingir com sucesso o pretendido, solicitando a alguns alunos que partilhem o trabalho com a turma (definindo de forma precisa o tempo), realizando uma avaliação para as aprendizagens (Assessment for Learning), tendo em linha de conta a componente formativa, identificando as dificuldades dos alunos, para procederem a alterações na sua prática e para os orientarmos no processo de aprendizagem (Earl, 2003).

7. Cooperação/Trabalho de grupo - Depois, em grupos de trabalho (as plataformas possuem salas de trabalho em grupo, onde envolvem os alunos na aprendizagem) irão pôr em prática os conceitos lecionados, através de uma tarefa simples, com o tempo muito bem definido, identificando o produto final. Aquando da elaboração das tarefas o professor vai passando pelas diferentes salas/grupos de trabalho, monitorizando as diferentes atividades, envolvendo os alunos, no processo de ensino-aprendizagem. Em determinadas situações, segundo a planificação do docente, os alunos terão de realizar as suas atividades/tarefas, autonomamente ou em grupo, de forma síncrona ou assíncrona. Assim, deverão ser instruídos no sentido de fazerem sempre uma planificação do seu trabalho (fase 1 - objetivos concretos do grupo de trabalho e respetiva divisão de tarefas), utilizando, por exemplo as seguintes ferramentas: Padlet, Evernote, Symbaloo, Pearlltrees, Wakelet, Diido ou Clipix. Na fase 2 - execução os alunos em grupo irão colocar em prática os objetivos que definiram. Na fase 3 - avaliação e autorreflexão - refletir sobre os resultados atingidos e se conseguiram alcançar os objetivos propostos, fazendo autoavaliação e coavaliação da tarefa desenvolvida.

8. Avaliação/ Autorregulação da aprendizagem - Neste tipo de ensino deverá dar-se ênfase a Avaliação para a Aprendizagem, valorizando a vertente formativa. Os professores deveriam utilizar este tipo de avaliação para identificar as dificuldades dos alunos, para procederem a alterações na sua prática e para os orientarem no processo de aprendizagem (destina-se principalmente a melhorar, em vez de medir a aprendizagem) e Avaliação como Aprendizagem (Assessmentas Learning), os professores e alunos decidem em conjunto quais as aprendizagens que devem ser valorizadas e como estas devem ser organizadas e avaliadas (Earl, 2003). Assim, a avaliação é uma construção social localizada (Chevalard , 1990; Pinto, 2002; Vial, 2012) onde a comunicação desempenha um elemento fundamental. Na fase de avaliação, trabalhos individuais, ou em grupo, cada um dos alunos terá de fazer a sua autoavaliação, coavaliação da tarefa desenvolvida, podendo utilizar-se rubricas (o docente pode partilhar o formulário com os alunos, utilizando a ferramenta CoRubric (avaliação online), onde cada um dos alunos, faz a autoavaliação, coavaliação e o professor também, podendo ainda fazer um comentário descritivo, tanto os alunos como o professor. Todos os resultados são disponibilizados através de uma folha de cálculo.

9. Resumo e Bibliografia - O resumo da aula poderá ser realizado através de um mapa mental.

10. Apresentação - Apresentar os objetivos da próxima aula.

Referências Bibliográficas

Chevalard, Y. (1990). Évaluation, véridiction, objectivation. In J. Colomb & J. Marsenach (Orgs.), L' évaluateur en révolution (pp. 13-36). Paris: INRP

Earl, L., (2003), Assessment as learning: Using classroom assessment to maximize student learning. Thousand Oaks, CA: Corwin.

Perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória/ Guilherme d'Oliveira Martins... [et al.]. - [S.l.]: Ministério da Educação, 2017.
https://www.dge.mec.pt/.../Projeto.../perfil_dos_alunos.pdf

Pinto, J. (2002). A avaliação formal no 1º ciclo do ensino básico: Uma construção social. (Tese de Doutoramento, Universidade do Minho).

Vial, M. (2012). Se repérer dans les modèles de l' évaluation. Méthodes, dispositifs e outils. Bruxelles: De Boeck.

Dez proposições para o E@D



Generosa Pinheiro

Num tempo de depressão coletiva, provocada não só pela pandemia, mas também pelo confinamento e solidão a que nos obrigou, cabe aos professores, enquanto educadores, uma das mais exigentes missões das suas vidas – constituir-se, não obstante o seu desgaste físico e emocional, como fatores de motivação, de apoio e de ajuda, inoculando as nossas crianças e jovens contra a desilusão que possam estar a sentir. Por outro lado, seguindo o exemplo de grandes empreendedores, caberá às escolas a difícil responsabilidade de aproveitar este momento de crise para precipitar uma metamorfose que lhe permita dar resposta aos seus problemas, procurando formas de minorar a iniquidade de que tanto se fala nos tempos que correm.

Este será, provavelmente, um dos momentos mais desafiadores da história da educação, mas pode ser também uma grande oportunidade de refundação da escola em todas as suas dimensões. Para que esta transformação não continue a ser perspetivada como uma utopia, é conveniente que se saiba canalizar, da melhor forma, a energia de todos os agentes educativos para a mudança, partindo das dez proposições seguintes para um eficaz E@D.

1º - Num momento em que os nossos jovens estão assoberbados de dúvidas, de angústias e de ansiedades diversas, a prioridade é que os docentes não se deixem cegar por planos, documentos, regras e números que, muitas vezes, ofuscam aquilo que de mais importante está nas suas mãos – a formação de um ser humano na sua plenitude rumo a uma realização futura. Estas crianças, adolescentes e jovens não conseguem interessar-se por conhecimentos teóricos e científicos, enquanto a sua dor emocional não estiver curada. Todos conhecemos as dificuldades de concentração em momentos traumáticos das nossas vidas. Cabe aos educadores, então, compreender os seus dilemas, mostrar-lhes que eles não são invisíveis, que acreditam no seu potencial, como

também ajudá-los a descobrir o que de melhor terão para oferecer. Desta feita, muitas vezes, mais importante do que o cumprimento dos programas é ajudar estes jovens a organizar as suas ideias, a convencer-se de que são capazes e a apropriá-los das melhores ferramentas para vencerem os desafios diários com que são, permanentemente, confrontados. Logo, o primeiro passo para o sucesso, neste E@D, será, com certeza, a atenção, a empatia, o trabalho da inteligência emocional dos alunos.

2º - Para que esta atenção possa dar frutos em termos de aprendizagens efetivas, é aconselhável que se repensem as atividades a realizar nas aulas síncronas que não se devem cingir a uma mera reprodução de uma pedagogia transmissiva, centrada na explicação e exposição do professor. É conveniente que o aluno se sinta implicado nas suas aprendizagens e se assuma como corresponsável pelas mesmas, ou seja, que seja mobilizado para a ação, cabendo ao professor a função de orientar toda esta caminhada de aprendizagem.

3º - Para que esta caminhada seja bem-sucedida, é ainda recomendável que seja adotada uma pedagogia de carácter participativo e cooperativo, assente, por exemplo, numa metodologia de projeto e em programas multidisciplinares orientados por guiões que, de forma muito clara e específica, estruturam as atividades de aprendizagem. Estes projetos transdisciplinares vão permitir desenvolver nos alunos competências básicas e transversais a todas as áreas curriculares, como: aprender a pensar de forma crítica, as capacidades de colaborar, comunicar e de resolver problemas que são essenciais no desenvolvimento integral dos jovens, aos quais, nos tempos atuais, não é apenas pedido que se adaptem aos contextos que lhes são proporcionados, mas também e, essencialmente, que saibam ser coautores da recriação de um mundo novo.

4º - Para além de metodologias ativas, é suposto que os projetos e desafios propostos sejam adaptados aos interesses dos alunos que só se sentirão implicados na sua consecução se conseguirem perceber a utilidade daquela aprendizagem na sua vida presente ou futura.

5º - A diferenciação das atividades deve ser outra das premissas, pois parece claro, para todos os professores, que nenhum aluno se sentirá motivado nem implicado na realização de uma tarefa para a consecução da qual ainda não domine as competências exigidas.

6º - A avaliação deve ser mais uma das realidades educativas a ser repensada, passando o seu foco do produto final ou da verificação de conteúdos e conhecimentos já assimilados, para a monitorização do processo, operacionalizada através de feedbacks permanentes que permitam reformulações sistemáticas dos pontos fracos diagnosticados e, portanto, uma caminhada de progressos e não de obstáculos e impossibilidades.

7º - Utopias?! Pelo contrário, missão possível se o trabalho docente passar do individualismo a uma colaboração consistente, ao nível do planeamento, da gestão do currículo, da flexibilização dos tempos, dos espaços e dos modos de fazer aprender diferentes grupos de alunos. Um trabalho colaborativo que deixe de estar centrado no grupo disciplinar e que se abra à interdisciplinaridade proporcionada pelas equipas educativas por ano de escolaridade.

8º - Esta estruturação do ensino em equipas educativas vai implicar toda uma reorganização das escolas, uma vez que os alunos passam a estar agrupados em grupos flexíveis e temporários, conforme as suas necessidades, os projetos a realizar ou os tempos e espaços disponíveis. Os professores, por sua vez, também passam a ser alocados, de forma flexível, a estes agrupamentos de alunos.

9º - Esta reorganização da gramática escolar proporcionará a transformação de um paradigma de ensino uniformizado e padronizado num modelo flexível, capaz de dar resposta às diferentes necessidades dos alunos. Contudo, vai exigir que o grau de autonomia das escolas seja alargado, deixando-lhes liberdade para se saberem organizar de forma a responderem aos seus próprios problemas.

10º - Por fim, mas não menos importante, a eficácia de todas as proposições apresentadas pressupõe que os agentes educativos saibam perspetivar este momento de crise como uma oportunidade de mudança e não como um obstáculo intransponível.

Em síntese, para responder aos novos desafios com os quais se confronta e, de resto, já se via confrontada, é imperioso que a escola se sujeite a várias metamorfoses que vão desde a sua dinâmica organizativa, à sua forma de fazer aprender, passando necessariamente pelo modo de trabalho dos professores. Estas são mudanças que podem e devem ser aceleradas num contexto de ensino à distância, que apenas veio pôr em evidência as fragilidades com que o ensino presencial já se confrontava.

Ensaio sobre o ensino e as aprendizagens a distância. 10 proposições para organizar as aprendizagens on-line.



Helder Martins

Tempo primeiro:

março de 2020 – encerramento abrupto das escolas; esforço coletivo heroico(?) para a operacionalização do ensino a distância; multiplicidade de cenários (abandono escolar; *ensino por correspondência*; *#estudo em casa*; *e-mails*; *moodle*; *whatsApp*; *zoom*; *teams*; *skype*; *meet*; *socrative*; *kahoot*; *quizizz*, etc.).

Conclusões centrais: aumento da literacia digital (não para todos); entusiasmo inicial – dormência – apatia. A escola presencial é um bem inalienável.

Tempo segundo:

janeiro de 2021 – encerramento abrupto da escola presencial, *pièce de résistance* às novas variantes da COVID-19; interrupção das atividades letivas e não letivas em todas as escolas – agitação política – *zigzaguear* nos conceitos e nas ações – novo ciclo (ansiado/indesejado; estruturado/indefinido) de ensino à distância.

1 – Contextos. Múltiplos serão os meios através dos quais as propostas pedagógicas chegarão até aos alunos: escolas de acolhimento, *takeaway* de recursos didáticos, ecrã de televisão, visor de um telemóvel ou *tablet*, computador com ou sem câmara e microfone incorporados, com ou sem capacidade para impressão de materiais. Diversos serão os espaços em que estes procurarão aprender, desde o mais confortável e insonorizado dos cómodos ao mais repartido e ruidoso dos compartimentos. Distintos serão, também, os ambientes, pautados pela presença ou ausência dos pais (eventualmente em teletrabalho e com reduzida capacidade de assistência) e de outros elementos do agregado familiar, tais como irmãos mais novos, que lhes apresentam a tentação do modo de lazer, ou irmãos mais velhos, que impõem o necessário silêncio

para o cumprimento dos seus objetivos. Assim, torna-se essencial um olhar de diagnose em torno dos ambientes associados à *banda larga* de cada um dos alunos para que a escolha das estratégias de ensino-aprendizagem seja a mais ajustada possível ao somatório das salas de aula em funcionamento.

2 – Comunicação. O comportamento hiperativo dos *media* expande a sombra da desinformação, pois os sucessivos *flashes* de dados geram dispersão e alienação, ao invés de orientação e lucidez. A este frenesim somam-se inúmeras restrições ao nível dos contactos diretos, pelo que o distanciamento imposto demanda especial atenção no que respeita às interações (lideranças-professores e famílias, professores-alunos e alunos-alunos) que se venham a estabelecer. As mais variadas e possíveis interpretações do que se lê, a cadência, quase telegráfica e, marcadamente, unilateral do que se ouve e a camada superficial do que se vê expõem a necessidade de clareza, transparência, afeto e, sobretudo, de VERDADE na comunicação.

3 – Tecnologia. Inovação tecnológica não é sinónimo de inovação pedagógica. Porém, nestes tempos de pandemia, a tecnologia tem-se revelado *tábua de salvação* para a pedagogia possível. Diversos são os canais ao serviço da instrução, estimulação e socialização. Procure-se, então, o equilíbrio na materialização desta tríade e afaste-se o risco da dispersão por aplicações e plataformas, sob pena de permanecermos reféns das *coisas* e à distância das aprendizagens.

4 – Ofícios do professor, do aluno e das famílias. Mudam-se os contextos, mudam-se os modos, mudam-se os meios. Mantêm-se os papéis?

O aumento súbito da porosidade das fronteiras das salas de aula torna-as demasiado permeáveis a expectativas, juízos de valor e interferências de outros agentes. Vivencia-se o dilema do tudo dizer (*professor-mestre*) e do tudo ouvir (*aluno-discípulo*), em paralelo com a tónica construtivista do professor facilitador das aprendizagens e do aluno ativo, detentor de maior autonomia e capacidade de descoberta na *aprendizagem das coisas*.

Respeitem-se as fronteiras e os intervenientes, explorem-se novos papéis, tolere-se a imperfeição.

5 – Estratégias de ensino-aprendizagem. Não existe a estratégia de ensino-aprendizagem mais eficaz. A escolha do *método* encontra-se dependente das aprendizagens a alcançar. Nesse sentido e, parafraseando Mia Couto, deve preocupar-

nos *fazer estrada* para que o aluno evolua, mediante a diversificação de meios e modos. Igualmente difícil é criar rotinas, essenciais à aprendizagem, num regime de ensino que depressa conduz ao marasmo, em que o que funciona bem com uma turma/aluno pode não funcionar com outra/outro; em que o que hoje traz satisfação e segurança, amanhã pode traduzir-se em frustração. Assim, é prioritário perspetivar o que se pretende que o aluno aprenda e, em função disso, delinear e acionar as técnicas e estratégias mais adequadas. Evite-se, portanto, o vazio do mero ligar da câmara e os excessos de um ensino *fogo-de-artifício*.

6 – Avaliação. A avaliação, nas suas múltiplas faces, corresponde a um dos pontos-chave de qualquer sistema educativo. No regime *on-line* ampliam-se os problemas em torno da validade e da fiabilidade dos instrumentos de avaliação e, conseqüentemente, dos resultados obtidos e do conhecimento construído. Nem uma avaliação marcadamente formativa, com enfoque na oralidade parece neutralizar o *xico-espertismo* da ocasião, dada a sua imersão num paradigma, globalmente, quantitativo e certificador. Busque-se a triangulação de dados, assente num equilíbrio difícil entre a economia de tempo, de recursos e de *feedback*, tendo em vista a monitorização dos impactos e a melhoria da qualidade das aprendizagens.

7 – Afetividade. A pandemia confinou abraços, ocultou sorrisos, cristalizou empregos, matematizou mortes.

A pessoa que habita nos alunos e nos professores não pode, por isso, ser indiferente à realidade social, até porque dela faz parte. Quantos professores, alunos e famílias viram o seu mundo virado do avesso? Mimetizar a escola pré-COVID, em pleno combate, é, pois, cultivar uma lógica *faz-de-conta* com repercussões a nível académico, mas também a nível pessoal e emocional.

Não ignoremos o óbvio, não nos escudem com tecnicismo. Cultivemos a gestão de emoções, fundamental para o equilíbrio e desenvolvimento humano.

8 – Reflexão. Uma ação concertada sustenta-se num saber estruturado, prudencial e que continuamente se interroga. A metacognição permite compreender os fatores responsáveis por uma dada situação, evitando juízos precipitados e comportamentos impulsivos. Preservemos, assim, a vontade de conversar e a capacidade de nos colocarmos no lugar de um outro, sobretudo nesta fase, em que o *olho no olho* foi substituído pelo espreitar a partir de uma janela.

9 – Colaboração. A colaboração pode ser vista, simultaneamente, como estratégia e desafio. Estratégia para o alívio da carga de trabalho associado à elaboração de recursos didáticos, para a partilha de experiências, para um aumento da capacidade de resolução de problemas, para uma maior segurança na tomada de decisões; Desafio pois se enquanto cultura profissional docente, em regime presencial, apresenta uma ampla margem de melhoria, à distância, em virtude das interações *ad-hoc*, incorre no risco de se tornar residual, face ao isolamento e à balcanização.

10 – Liderança. Em tempos tão críticos como estes, as organizações escolares devem procurar adotar estruturas dotadas de uma maior fluidez, colocar em prática modelos centrados no trabalho em rede e tirar partido das capacidades das pessoas que as compõem. Esta Liderança, claramente, situacional deve colocar as aprendizagens no centro da tomada de decisões e tornar-se mais distribuída, pois o trabalho a distância, ao limitar as interações sociais, exige níveis de autodisciplina, apenas alcançáveis, quando a pessoa é um agente ativo num compromisso coletivo.

Intervalo no ruído



Isabel Lage

“Na realidade, apenas o reconhecimento da nossa impotência educativa nos permite encontrar o verdadeiro poder pedagógico.”

Philippe Meirieu

Sentada à mesa da minha sala de estar termino uma aula *on-line*. Enterro a cara nas palmas das mãos e deixo-me ficar por alguns segundos naquela posição, vacilante perante uma insegurança reprimida.

Reconheço a inevitabilidade desta situação, fruto de um segundo confinamento que é indesejado mas necessário. Na sociedade, legitimamente ou por oportunismo, têm-se multiplicado os artigos de opinião, na comunidade proliferam as ações de formação e nas escolas desdobram-se as reuniões. Em todas as situações elencam-se procedimentos para um ensino e para uma aprendizagem *on-line*. Assim, fiz formações, atualizações de software, instalei aplicações, adquiri novos auscultadores e uma mesa digitalizadora.

Ainda há pouco, mesmo antes do início da aula que agora acabei no *Teams*, revi “a lista”. De lápis na mão fui fazendo vistos em todos os itens: fiz o *feedback* dos trabalhos que os alunos deixaram no *padlet*, encontrei o vídeo certo no *youtube*, mostrei uma apresentação apelativa, realizei uma explicação dialogada, apliquei um *kahoot* finalizador e lancei o desafio que faria a âncora para a próxima sessão.

Com os cotovelos cravados na mesa e a face ainda espalmada nas mãos, sinto a cabeça a abanar de um lado para o outro, sem vontade de abrir os olhos e encarar o ecrã do computador agora em *stand-by*.

Sinto-me exausta! Cansada do esforço de tanto tentar cumprir os requisitos técnicos da “nova normalidade”. Amputada da proximidade física dos alunos, experimento um sentimento de traição: substituindo a emoção e a espontaneidade por pensamentos tendencialmente analíticos, reduzindo o ensino a uma dimensão mais

técnica e que assim se torna certamente mais insensível, incoerente e incompleto. Parece-me que não ter a contínua consciência das reações dos alunos é adular a relação educativa, é ferir o comprometimento com cada aluno em particular.

Levanto-me finalmente da cadeira, não estou habituada a estar sentada, e dou cinco passos até à cozinha. Tenho a boca seca de angústia e bebo um grande copo de água. Deixo-me ficar de pé encostada à ombreira da porta tentando variar a posição do corpo e o panorama alcançado pelos olhos.

Revisito novamente todos os elementos para a construção das estratégias *on-line* com que me bombardeiam. Realizo que o excesso de opiniões me entope os sentidos e me conduz a uma busca de consensos, que nada me acrescenta (os acordos, onde procuramos a aprovação e a validação da nossa atuação, mais não são do que a concretização da nossa incapacidade para pensar). Sinto a necessidade de quebrar a monotonia da opinião geral, de escaqueirar os discursos metódicos que nos conduzem a axiomas acrílicos, convertendo-nos em marionetas num palco virtual.

É inútil procurar atalhos para a ação. É o todo um atalho?

Longe da perfídia das aparências, penso na prisão das receitas que a juventude exigia e na liberdade das incertezas que a maturidade oferece.

Sem saber bem porquê, arregaço as mangas nesta manhã fria de inverno. Encaro esta enorme realidade. Depuro todo o trabalho que tive com a preparação e com a aplicação da aula que ainda agora terminei. Limpo o ruído que me envolve até restar só o essencial, e reparo que o que fica é o momento em que o ecrã me devolveu rostos que eu não conhecia, numa inauguração de expressões e de estreias de sorrisos.

Persigo o momento: a essência. Sinto que afinal não se trata de uma adaptação mas de uma transformação.

Revivo o chamamento que me tornou professora. Lembro que não há professores das nove às cinco, nem professores que o são apenas numa sala com mesas quadradas e com um quadro branco na parede.

É-se professor na alma, é-se professor no olhar do aluno, é-se professor porque se entendem os instantes de silêncio e de ruído, é-se professor porque se sente a existência e se reconhecem as necessidades do Outro.

Sinto a totalidade dispersa e o momento mais denso.

Agradeço toda a formação e informação recebidas, todas as partilhas de opiniões, mas entendo que, mais do que nunca, é necessário regressar ao nosso fundamento: que é o tempo fértil do momento, do encontro, daquele instante onde a transação interindividual acontece. Recordo Meirieu. Sempre Meirieu!

Volto a mim.

Sento-me bruscamente numa cadeira em frente à mesa da cozinha onde ainda me encontro e, no verso da lista das compras, de forma a não deixar o pensamento suspenso no ar, escrevo de supetão:

- O que faz sentido é o momento: o entendimento do valor do instante e da intervenção humana no suster da respiração do Outro;

- É fundamental aceitar a ambiguidade do todo e considerar o poder do instante, onde está a imperfeição, a incompletude e o mistério;

- É primordial explorar uma comunicação sensível, atenta, preocupada e empenhada;

- É importante rejeitar viver entre os intervalos do ruído, valorizando o silêncio que é o tempo da procura;

- É indispensável que a agitação do discurso não se sobreponha ao tempo de escuta;

- É pertinente depurar o excesso de informação e reforçar a posição crítica;

- Torna-se imperativa a consciência de que não podemos controlar tudo, nem ter todas as respostas;

- É importante acalmar o alvoroço a que parecemos condenados, concedendo (e concedendo-nos) o direito ao pensamento pausado e à ação refletida;

- É precioso regressar sempre à lucidez do momento, fugindo da bebedeira do todo;

- Torna-se urgente recordar a raiz, a semente, a origem, o verdadeiro poder de SER professor.

Coloco um ponto final no papel, com o dramatismo que costuma acompanhar as descargas emocionais, e o bico do lápis estilhaça.

Volto para a sala de estar. Ligo o computador e prossigo.

Prosseguimos!

Dogmas e rituais da escola. O controlo remoto do sistema educativo*



José Afonso Baptista

O currículo e os exames são os principais eixos estruturantes do sistema educativo e os dois instrumentos para o seu controlo remoto. Com o currículo, o governo impõe às escolas, aos professores e aos alunos o que têm de ensinar e aprender e com os exames controla os resultados do trabalho dos atores educativos e o cumprimento dos programas oficialmente impostos.

O discurso oficial é outro. O ministério da educação (ME) afirma a autonomia das escolas, nomeadamente a autonomia curricular, proclama a diferenciação pedagógica para responder à diversidade dos alunos, seguindo orientações específicas da UNESCO, e atribui às escolas a responsabilidade de organizar e gerir o seu projeto curricular. Com estes pressupostos, a legislação insiste no sucesso educativo de todos, na igualdade de oportunidades e repete que nenhum aluno deve ficar para trás (no child left behind). E, no entanto, os resultados mostram que continuamos a ter índices elevadíssimos de alunos que ficam pelo caminho, sendo enorme a diferença entre os que iniciam e os que terminam um determinado ciclo escolar. A utopia e a falência do discurso educacional são evidentes.

O ME, na mesma linha de discurso, abre janelas para o envolvimento das crianças e jovens em temáticas que os despertem para os problemas da sociedade atual. A educação para a cidadania, o foco nos direitos humanos e recentemente a orientação para a problemática do Holocausto são temas suscetíveis de despertar o interesse dos jovens. Em grande parte, são propostas inócuas, porque não saem nos exames. Quando há exames, o que os professores ensinam e o que os alunos estudam é o que sai nos exames. É isto que esvazia as escolas da sua vertente educativa, reduzindo ou eliminando o espaço do diálogo e do debate geracionais e impedindo que se questione

a herança que nós, pais e professores, lhes deixamos: um planeta destruído, tóxico, contaminado e contagioso, que a cada dia ameaça mais a vida de cada um.

Muitos pensam que os exames, iguais para todos, são o instrumento da justiça equitativa, que pune e premeia o mérito de cada um, o tira-teimas que coloca todos em situação de igualdade. Esta é também a visão do ME, esquecido das diferenças, da diferenciação pedagógica, do sucesso de todos e da igualdade de oportunidades, excluindo crianças e jovens com competências de alto nível porque não têm exames adaptados às suas circunstâncias reais.

Os exames não respeitam as diferenças, excluindo muitas vezes os diferentes para melhor. Alunos com dislexia desenvolvendo atividades e produzindo trabalhos de alto nível esbarram nos exames escritos sob pressão, sem qualquer hipótese de prestarem provas por outra via. Alunos surdos com uma inteligência claramente acima da média, mas impedidos de fazer os exames na sua língua natural. Alunos cegos, autistas, tantos outros, vítimas apenas da incapacidade da escola em se adaptar às suas diferenças.

Os exames impedem as crianças de crescer ao seu ritmo, de acordo com o seu potencial, com as suas aptidões específicas. As escolas, por imposição dos exames, trabalham os alunos como se fossem tijolos que têm de sair todos com o mesmo tamanho e o mesmo formato. É como se todas e todos, meninas e rapazes, fossem obrigados a calçar sapatos do mesmo modelo e tamanho.

Somos um dos países com maiores índices de abandono e exclusão porque o ME não investe nos professores para trabalharem à medida dos alunos, condenando-os ao formato único do currículo que sai nos exames. O ME cristalizou no algoritmo escolar de há duzentos anos, incapaz de ver mais longe, incapaz de se adaptar à mudança e de dar às escolas os meios para cumprir as orientações da legislação. A reprovação rouba milhões de euros do orçamento anual. Se fossem investidos nas escolas e na especialização dos docentes teríamos outra educação. A preocupação é a diferenciação pedagógica, adaptada ao perfil de cada um? Tem a ver com os problemas que a pandemia levanta às aprendizagens? Com o facto de muitos alunos não terem o kit PC/net para poderem estar ligados à escola? Não, tem a ver apenas com a dificuldade em preparar e realizar os exames, em classificar os alunos, em decidir quem passa e quem chumba. Sucesso de todos! Ninguém fica para trás! Isso é retórica sem qualquer reflexo nas práticas. O que importa salvar são os exames! Os alunos que se lixem!

O Conselho de Turma Online



José António Fundo

Na segunda feira estive presente em seis reuniões. Foram só as primeiras seis de onze em três dias. Todas elas online, numa ferramenta da Microsoft. Sempre a Microsoft. Está tão presente na vida dos professores que lhe deviam chamar Megahard em vez de Microsoft. Muitos professores nem sequer concebem trabalhar numa escola sem utilizar ferramentas da Microsoft. Só quando finalmente perceberem que isso é possível, entre outras coisas, vão entender que há ferramentas digitais que interessam muito e outras que interessam menos e também que determinadas opções informáticas têm um peso económico, político e ideológico. Desde logo, o conceito de Software Aberto (Open Source) faz hoje muito mais sentido no espaço escolar, onde a partilha do conhecimento é por natureza aberta e não depende de segredos ou licenças de utilização. Mesmo que muitos se esforcem por desacreditar o software aberto, ele é mais ético e vantajoso.

Não há segredos educativos, apesar do que tentam vender pela internet tantas empresas em pacotes de cursos milagrosos. O conhecimento não pode estar fechado em caixas, com chaves vendidas ao melhor preço. Quem não sabia disto deve ter aprendido um pouco mais agora, durante a pandemia. Ou vai aprender quando chegar a conta das vacinas. O conhecimento proprietário é nefasto ao desenvolvimento humano. Quando é secreto é criminoso. Por tudo isto, a promoção e o uso de software aberto é a solução mais coerente e inteligente dentro das escolas.

A ferramenta da Microsoft é fraca, desadequada. É uma adaptação de uma ferramenta empresarial. Há melhor para o mesmo efeito. Apesar disto, fará muito pouca diferença para o Conselho de Turma funcionar. Não é um constrangimento, mas não faz mal nenhum perguntar por que insistimos em ferramentas pobres e desadequadas.

O ritual é sempre o mesmo. Logo a abrir “cantam-se” as classificações dos alunos a cada disciplina. Algo que poucos ouvem com atenção enquanto verificam os seus próprios registos. Esta tarefa exaustiva parece anacrónica, mas vai servindo o seu propósito de obrigar os professores a ouvir a suas classificações justapostas com as dos seus colegas de outras disciplinas. Tudo seria evitado, apesar de tudo, com a partilha entre os professores da pauta da turma e dois ou três minutos de reflexão, mas não confiamos uns nos outros ou sequer em nós próprios para refletir realmente sobre as classificações.

Após este momento solene, entra a “Acta” em cena. É a escrita da “acta”, respeitando a ordem de trabalhos previamente estabelecida pelas direções, que introduz a sequência e a natureza da discussão que se vai seguir.

A “acta” já vem escrita. Habitualmente cada professor concorre para o texto com a sua justificação sobre os resultados dos alunos. Sobretudo os resultados mais negativos. Isto significa que escrevem justificações extensas para a “acta” de Conselho de Turma os professores de Matemática, os de Português e os chatos. Os chatos são aqueles que insistem, em cada período, em cada turma e em cada ano, que os alunos não sabem nada porque não se esforçam, não estudam e não estão atentos. Para esses, a espécie humana, desde que eles próprios deixaram de ser alunos, vem em inexorável trajetória descendente em termos de competências intelectuais e conhecimento. Esqueçam evoluções futuras na medicina, na indústria aeroespacial ou nas telecomunicações. Acabou tudo.

Também são chatos aqueles que acham que devem explicar tudo o que fazem na “acta”. Acabam por relatar banalidades como se fossem grandes feitos e as actas são resumos de reuniões, não servem para relatório profissional.

Nestes excertos, tantas vezes mal escritos, vêm expressões que considero odiosas e que responsabilizam exclusivamente os alunos pelo falhanço do processo. Sem refletir exige-se, por exemplo, “estudo sistemático”, um conceito cruel que ninguém no seu perfeito juízo pode impor a um aluno de 12 ou 13 anos. Todos pedem “mais estudo”, como se o aluno fosse obrigado a compensar em casa o que o professor não faz em aula e “mais esforço”, porque se não for em esforço não se aprende. Não, isso não é verdade.

Nunca li numa “acta” que o professor da disciplina se compromete a mais esforço pessoal e um estudo sistemático dos processos de aprendizagem dos alunos de modo a

promover a eficácia educativa. Não li, nem vou ler. Em vez disso escrevem que vão manter as medidas e “aumentar o reforço positivo”, só para inglês ver.

Vão constar igualmente na “acta” considerações escritas pelo diretor de turma sobre as classificações, resultados globais e comportamentos. Estes excertos podem causar polémicas cómicas, como, por exemplo, se classificar como “suficiente” ou como “bom” o resultado da turma no caso da média de todas as classificações ser de 3,3. Ou a pontualidade da turma tendo em conta que a Lizandra chega sempre atrasada ao primeiro tempo e o Sebastião vem atrasado dos intervalos.

Isto já vem tudo previamente escrito, como num programa de culinária com pouco tempo. Já foi adiantado. Podem fazer-se uns ajustes .

Também vêm escritos os diversos relatórios da atividades não letivas dos alunos e do projeto para Promoção e Educação para a Saúde (PES), o tal que realmente trata a educação sexual mas os encarregados de educação e a comunicação social não sabem sequer que existe e, por isso, se atiram à disciplina de Cidadania.

O mais espantoso na “acta” é a área dedicada à Educação Especial. Agora chamam-lhe “educação inclusiva” por causa da filosofia que em princípio a suporta. Um erro. Toda a educação deve ser inclusiva e a Educação Especial, por ser para alunos com “necessidades educativas especiais” não tem de se chamar inclusiva. Tem de ser inclusiva. Nesses parágrafos da “acta”, a ficção burocrática substitui a realidade por completo. Para adormecer os sentidos podem inclusive obrigar a transcrever para lá todas as classificações dos alunos abrangidos. Não será assim em todas as escolas. Seja como for, as medidas citadas pouco ou nada interessam aos professores que as aplicam. São só frases feitas. Os professores, individualmente, aplicam as estratégias que consideram mais adequadas a cada aluno e consoante a sua consciência e posicionamento político. Uns fazem completamente diferente, outros adaptam o que fazem, muitos avaliam diferentemente e bastantes limitam-se a atribuir uma classificação de nível 3 para não os chatearem. Os falsos corajosos atribuem classificação de nível 2. Falsos corajosos porque o finca pé não tem qualquer significado real e é, na verdade, a assunção de que não fizeram realmente absolutamente nada pelos alunos.

O papel dos docentes da Educação Especial é cada vez mais o de administrar papéis e burocracia sem significado. Gestores de papéis.

Junto com a “acta” são entregues às equipas de verificação intermináveis planos carregados de cruces e vistos para justificarem apoios que são mais improvisados do que realmente planeados. Na verdade, a informação que os docentes têm destes alunos é escassa e limita-se a questões sobre a escrita e interpretação, pouco sobre cálculo matemático e bastante sobre eventuais problemas na atitude. Não sabemos realmente o que devemos fazer, de acordo com uma opinião médica e científica, para promover aprendizagens novas nestes alunos. Muito menos os responsáveis da Educação Especial nos sabem responder a estas questões. É um mundo de faz de conta escondido atrás de um enorme edifício burocrático para disfarçar a ausência de investimento e coordenação entre o Serviço Nacional de Saúde e o Ministério da Educação.

As reuniões são longas e entediantes. São boas quando o discurso foge da ordem de trabalhos e soltamos a língua. Quando isso acontece, lá vem o diretor de turma pedir ordem e silêncio obediente. Não é lá que se ouve e aprende mais sobre os preconceitos dos professores, sobre o seu esforço, sobre o seu sucesso. É na sala dos professores, em conversa uns com os outros. Os professores adaptam-se e melhoram um mau sistema na sua resiliente capacidade de resposta a estas formalidades, mas não conseguem evitar o desperdício de tempo e de esforço físico e emocional. A triste imagem de diretores de turma e secretários, desgastados, numa fila à espera que lhes seja aprovada, por uma equipa de verificação, a burocracia insana que lhes foi imposta de modo aleatório, é um espetáculo deprimente e revoltante. É um exercício de demonstração de poder que quer manter em medo e respeito profissionais que de outro modo poderiam questionar muito mais no que respeita às fracas condições de trabalho que lhes são oferecidas e aos seus alunos.

Regresso a casa

José António Fundo

O previsível retorno do Ensino à Distância, necessidade decorrente de um novo confinamento geral e do cancelamento das atividades letivas presenciais, não trouxe quaisquer surpresas. Seria uma surpresa se tivéssemos aprendido alguma coisa. Seria uma surpresa se tivesse existido uma avaliação e reflexão sobre as medidas impostas

durante o primeiro confinamento. Seria uma surpresa se tivesse existido alguma planificação real.

Se na escola tantos professores se queixam de que os alunos aprendem pouco, eu queixo-me sobretudo da instituição e dos que a governam não aprenderem nada. O que aprendemos com o primeiro confinamento? O que poderíamos fazer diferente? Como teríamos podido fazer melhor? Valerá a pena investir neste processo?

Não, não quero entrar aqui numa discussão sobre os conceitos de “organização aprendente” ou “aprendizagem organizacional” que fizeram um caminho desde a sua discussão inicial em meados dos anos sessenta até aos dias de hoje. Não se nos afigura complexo o conceito de que as organizações devem implementar modelos de transformação e mudança permanentes, com base numa análise e reflexão em torno das suas experiências. Fazemos isso nas nossas vidas pessoais, ainda que com muita dificuldade. No caso das organizações, recorrendo cada vez mais à recolha e análise de dados. Nos sistemas educativos e nas escolas, não é diferente. É inclusive mais importante reforçar a capacidade de transformação com base na interpretação da realidade e na análise dos resultados. Por um lado, devemos perceber que vivemos num estado de crise permanente. A aceleração da inovação tecnológica provoca desafios enormes e a globalização apresenta problemas complexos no confronto entre ideias diferentes de organizar as sociedades.

Tudo isto é sublinhado por um contexto de manente crise económica, aumento das desigualdades, tensões sociais e desregulação do mercado de trabalho.

Por outro lado, não podemos de modo algum continuar a varrer para debaixo do tapete os nossos insucessos passados. Falhámos no reconhecimento da necessidade de mudar. Rejeitamos a necessidade de aprender e de reconfigurar a nossa ação. Nas escolas, consideramos a antiguidade uma mais valia profissional, mas o significado de antiguidade remete para princípios de ação estáticos e imutáveis. Absolutamente ultrapassados. Não há cultura de mudança, de inovação ou de reflexão sobre a ação educativa. A valorização da antiguidade tem como pano de fundo o princípio de que antigamente é que era bom e que se fazia bem. O profissional mais antigo e que menos transformou o seu processo é o verdadeiro herói da sala dos professores e ralha a todos os que lhe propõem uma novidade.

Há uma cultura de saudosismo por um passado inexistente e fantasioso e de lamentação permanente com as dificuldades que se nos colocam. Queremos outros alunos, que nunca existiram e consideramos que estes não se sabem adaptar ao nosso modo de fazer, completamente desarticulado e carente de sentido pedagógico. Estão invertidas as obrigações.

Há uma turbulência palpável que acompanha este século XXI e não parece que se vá embora. Antes pelo contrário, com o aparecimento de uma pandemia, essa turbulência assumiu a forma de um tremor de terra catastrófico. Não há uma estrutura que se tenha aguentado incólume.

Neste contexto, somos forçados a aprender e a refletir sobre os nossos processos. Na escola, mais do que em qualquer outra organização, somos obrigados a isso.

Quando fomos, há um ano, ordeiramente conduzidos até às nossas casas e as escolas foram fechadas, estávamos todos um pouco atordoados. Apesar de tudo houve uma clarividência notável, inesperada, fruto de uma capacidade de reagir que ainda existia e de um sentido de missão e de sacrifício que se impuseram. O problema foi o grau de satisfação que veio com o resultado.

Toda a gente festejou o sucesso do modelo de ensino à distância nas escolas. Palmadinhas nas costas foram distribuídas ainda que respeitando o distanciamento social. Na verdade, não foi nenhum sucesso. Centramos o processo numa torrente interminável de aulas por vídeo chamada e envio de trabalho de casa. Não regulamos o tempo dos alunos em frente aos ecrãs, não coordenamos o trabalho entre disciplinas de modo a dosear a quantidade de trabalho e criamos uma quantidade enorme de burocracia para provar que estávamos a fazer alguma coisa. Se houvesse um tema para dar à primeira fase do Ensino à Distância, seria “Provar que ninguém está de férias”. Isso mesmo foi dito aos alunos e dado a entender aos professores. Importante era mostrar um grau de stress que apaziguasse as más línguas dos media que acusam sempre, seja em que situação for, alunos e professores de não fazer rigorosamente nada. O ministério da educação ajudou à festa e o seu lema foi “ninguém está de férias”. A obrigação moral do trabalho sobrepôs-se a qualquer reflexão sobre o que seria mais importante fazer para ajudar as crianças e jovens a atravessar este momento difícil.

A aprendizagem esteve, por isso, longe das preocupações essenciais durante o primeiro confinamento, no que concerne a sua organização, sendo que nesse sentido

assemelhou-se demasiado ao trabalho escolar presencial. É mais importante passar tempo a trabalhar do que de facto promover qualquer tipo de aprendizagem. Este modelo obviamente aumenta e promove as desigualdades, porque dificulta a aprendizagem e a torna mais difícil a todos os que vivem com mais dificuldades. Dificuldades económicas e materiais mas também, porque as duas andam de mãos dadas, dificuldades criadas pela falta de escolaridade nos encarregados de educação e consequente falta de apoio aos alunos e consciência de uma cultura escolar.

Entretanto, voltamos à escola e fomos avisados de que provavelmente iríamos regressar a casa. Houve algumas medidas no sentido de promover um planeamento do regresso. O problema é que não houve uma reflexão ou avaliação sobre o que foi feito no Ensino à Distância. Poucas perguntas foram feitas aos alunos e os professores queixaram-se sobretudo de falta de material tecnológico. Não se refletiu sobre a saúde mental dos alunos e sobre a eficácia das aulas por vídeo, não se refletiu sobre a inexistência de materiais de suporte dedicados ao e-learning e sobre a ignorância docente sobre o assunto. Os professores ficaram satisfeitos consigo próprios e a pensar que já dominavam a coisa. O uso dos Learning Management Systems (LMS) foi centrado na aula por vídeo e no envio de documentos. Não são precisos estudos internacionais, apesar de ser bom que existam, para nos demonstrar que uma criança de 12 anos não pode ter 4 ou 5 horas de aulas por vídeo por dia. Basta ter bom senso. Mas nem isso ocorreu às escolas: ter bom senso. Com diferenças grandes de escola para escola, dada a incapacidade do ministério da educação de mostrar qualquer tipo de presença efetiva no apoio à planificação e organização da coisa, esta minha crítica deve ser entendida de um modo geral tendo em conta a minha observação pessoal e a leitura de textos sobre diversas realidades.

Neste contexto de ausência quase total de um trabalho de reflexão, não foi feita qualquer planificação real para este novo confinamento. A palavra de ordem foi “Vamos fazer tão bem como fizemos da primeira vez”. Como se isso fosse realmente verdade. Traduzindo, vamos fazer mais do mesmo. O problema é que estamos todos mais cansados, professores, alunos e encarregados de educação. Já não há sentido de missão, muito menos imaginação para fingir que tudo está a correr bem. Há cansaço e irritação. A tónica colocou-se, no espaço público, noutra dificuldade exógena ao sistema. Os alunos não têm computadores, logo não podemos fazer bem. Isso é uma treta. Os alunos

que não têm computadores não resolvem os seus problemas com computadores. Como é óbvio. Economistas surgiram das trevas a avisar sobre as desigualdades ampliadas pelo Ensino à Distância. Como se não soubéssemos todos isso, ou não tivéssemos a obrigação de saber. Como se o problema das desigualdades na escola não fosse muito anterior à pandemia e promovido pelo próprio sistema educativo, montado de modo a proteger as classes mais altas do tal elevador social. É um sistema viciado e foi todo copiado de ideias vindas das mesmas escolas de economia. As tais onde trabalham estes professores que agora são especialistas em Educação à Distância. Enfim.

Entregar computadores não resolve. Por isso se considerou necessário manter as escolas abertas para receber quem precisa, o que também não resolve nada exceto a função de abrigo, uma muito importante sem dúvida.

Como é que eu sugiro então fazer?

Bem, em primeiro lugar, vamos todos ler uns livros sobre ensino online. Vamos perceber que não se faz ensino online com crianças muito pequenas sem uma enorme participação dos seus tutores em casa. Vamos ver o que faz a academia Khan ou o que escreveram as centenas de investigadores que, sobretudo nos EUA, têm estudado o ensino online nas universidades americanas. Estamos prontos para criar horários diferentes? Organização disciplinar diferente? Pensar um dia de atividades escolares como uma unidade pedagógica que deve ser composta por diferentes tipos de trabalho e de estímulo? Estamos preparados para produzir materiais específicos para este modelo? Estamos preparados para monitorizar e avaliar o nosso trabalho em vez da urgência selvagem de classificar os alunos e os culpar por insucessos que não têm poder para evitar? Estamos preparados para brincar com os alunos e sermos os seus amigos à distância?

Querem a minha resposta: Não, não estamos. De um modo geral não estamos. Não estamos preparados sequer para planear em condições a escola presencial, quanto mais responder a esta gigante responsabilidade de montar um sistema novo, totalmente diferente, em meia dúzia de meses. Por isso, concebo o Ensino à Distância num Estado de Emergência como uma atividade de emergência que tem como finalidade dar apoio emocional aos alunos e os deve manter ocupados com atividades que promovam a sua autonomia ou mesmo os façam descobrir que têm essa autonomia.

Vamos aproveitar para que eles possam olhar para o mundo para além das tarefas escolares.

Considero que este é o momento mais importante para a nossa educação dos últimos 50 anos, depois da massificação da escola pública. É um momento único que nos pode revelar as nossas inconsistências e insuficiências e pode promover uma mudança de facto. Uma cultura de mudança em direcção a uma escola que aprende. Mas essa mudança não vai acontecer agora. Vamos ter de trabalhar para ela e lutar por ela. Pode ser que finalmente se dê importância às escolas, aos seus edifícios, aos seus equipamentos, à necessidade de serem tecnologia de ponta, porque constroem o nosso futuro. Pode ser que agora percebam de que professores precisamos para o futuro, que formação e como, e que modelo de gestão escolar é importante implementar. Pode ser que o aluno e a sua aprendizagem venham para o centro.

Esta batalha começa no dia em que voltarmos à escola. Tem de começar. Já a atrasamos demasiado. Se alguns já a lutam em missões de reconhecimento ou com táticas de guerrilha, o certo que isto não se faz sem que os profissionais de educação, professores, professores de professores e investigadores, tomem conta do espaço público de discussão e assumam a responsabilidade de serem os atores centrais da conversa que precisamos todos de ter.

Transições sob a indeterminação dos tempos: do papel do professor, para a pele de um singelo humano e de volta para a pele do professor...



Lídia Serra

Muitas circunstâncias naturais nos demonstram a veracidade do princípio, que uma grande diversidade de estrutura pode sustentar a maior soma de vida.

(A Origem das espécies, Charles Darwin)

*Todas as forças estreitamente aprisionadas laceram e destroem.
O ar que teria sido saudável para a terra, a água que a teria
enriquecido, o calor que a teria amadurecido, desfazem-na
quando enjaulados.*
(Tempos difíceis, Charles Dickens)

Num contexto de indeterminação gizar percursos de mudança e, simultaneamente, responder aos problemas da educação tem sido o desiderato das escolas, de instituições e daqueles com responsabilidades diretas nesta matéria, ao longo deste último ano. A escola, a nível global, independentemente do contexto ou condição, do continente ou da nação, tanto a norte como sul, em países desenvolvidos e em países em vias de desenvolvimento, enfrenta os desafios do ensino *online* imposto pela pandemia da COVID19. Intempestivo, na forma como emergiu, este problema veio combinar-se com os já existentes problemas que encabeçavam a lide das escolas. Perverso, na forma extemporânea como se impôs, interpôs-se para exultar a “sistemática falta de reflexão propiciada pelas urgências da acção” alertada por Santos Guerra (2002, p.18) e que caracteriza os sistemas educativos. O momento COVID19 que se experiencia demandou a reconceptualização dos demais problemas vivenciados nas escolas - as dificuldades de aprendizagem, o insucesso, o abandono, a educação especial, ... -, mas também requereu a concetualização da problemática inerente à implementação de modelos de ensino *online* em estruturas e ambientes não configurados de raiz para tal. Neste desígnio configuraram-se análises não centradas apenas no processo que subjaz sob o ponto de vista pedagógico-didático ao próprio ensino *online*, mas também, em construtos alocados aos próprios atores educativos. Nas escolas, conjecturar uma matriz de ação para combinar intervenções perante esta teia que se adensa e complexifica tornou-se num desafio para o poder político, para a lideranças, para os professores, para os alunos e para os encarregados de educação.

A análise que se interpõe seguidamente pretende constituir-se como um olhar autorreflexivo centrado no professor relativo à percepção da vivência deste período COVID19. Sem sombra de dúvida que este período se constituiu como a maior das experiências transformativas vivenciadas pelos professores, talvez apenas equiparada ao próprio estágio profissional vivido no primeiro ano de início de funções de docência. Foi a 13 de março de 2020 que confinámos pela primeira vez em Portugal e,

apressadamente, professores e alunos foram atirados para o ensino *online*! Confrontados com a novidade, verdadeiramente percebida como tal na mais pura asserção da palavra cuja etimologia *novitatem* remete para a noção de uma qualidade do que é novo, que se vê pela primeira vez, uma alteração inesperada no andamento regular das coisas, cedo os professores compreenderam que era bem mais do que isso! Indubitavelmente, este passo iria exigir atos de inovação, da palavra latina *innovationis* que significa renovação, alteração, inovação em sintonia com o termo do qual deriva, *innovatio*, que se refere a ideia, enquanto objeto ou processo que é criado de novo. Sem margem para dúvidas, estávamos perante o desafio de novas exigências pedagógico-didáticas em matéria de abordagem dos conteúdos e dos processos no plano disciplinar, e de forma mais audaciosa no domínio interdisciplinar, ao nível da conceção das estratégias e das atividades de ensino-aprendizagem, na operacionalização da avaliação formativa, enfim no que respeita à concetualização do processo ensino-aprendizagem tendo em vista a formação para o Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória e da própria gestão da relação pedagógica. A capacidade inovativa assume-se como a pedra angular neste processo, pois, como afirmam Henriques et al. (2020, p. 144) a inovação, enquanto conceito polissémico, corresponde a um processo multidimensional, associado a dinâmicas de mudança, de transformação, de criação, de novidade.

As primeiras preleções pelo ensino *online* decorreram, por parte dos professores, sobre proposição de uma antevisão obscura em relação ao que viria a ser desenrolar das aulas. Ainda que digitalmente capazes, as incertezas relativas ao ato de ensino aprendizagem produziram o vivenciar de insegurança, como se o professor se sentisse desnudo da sua profissionalidade ao estar confrontado com a inexperiência do contexto imposto pelo ensino *online*, conhecida e ponderada a complexidade do papel do professor e do processo de ensinar. Confrontado com esta novidade, o professor veste a pele de um singelo ser humano numa assunção humilde e emocional da insegurança. Um caminho de construção da confiança empurram-no, lentamente, na reconstrução progressiva do seu eu profissional no contexto interposto pelas exigências do ensino *online*. A reconfiguração de um professor na sala de aula presencial para o professor na sala *online*, constitui-se como um processo de reconstrução progressiva da confiança e de reedificação da sua faculdade de análise que detém o poder de voltar a impulsionar

a capacidade de autoquestionamento em relação ao ensino aprendizagem. É com esta nova veste que o professor, de volta à sua racionalidade elementar, recupera a sua capacidade de intervenção e inicia o processo meta-analítico de autoquestionamento. *Como suportar as aprendizagens dos alunos com recurso a processos de avaliação formativa? Como fugir à filosofia tradicional dos métodos de ensino centrados no professor, eventualmente, mais apetecíveis neste contexto? Como promover um ensino aprendizagem centrado nos alunos, online? Que estratégias e recursos podem ser mobilizados para instigar maior a atividade do aluno? Como potenciar aprendizagens colaborativas nos alunos? Como garantir o acesso ao currículo a todos os alunos? Como manter ou maximizar a implicação e envolvimento dos alunos nas atividades síncronas e nas tarefas assíncronas? Como diversificar o ensino aprendizagem online e, assim, contemplar a diversidade na forma de aprender e dos ritmos de aprendizagem? Como criar um clima de proximidade com os alunos? Como humanizar a relação pedagógica no ensino à distância?...* Enfim, instigar abordagens construtivistas na forma como se encara o ensino *online* tornou-se num desafio aliciante.

O autoquestionamento permanentemente afirma-se como o princípio do processo de capacitação para o professor reagir e agir. Efetivamente, Vermeulen et al. (2020) constataram que a capacidade de autoquestionamento e o comportamento inovador constituem atributos necessários para praticar uma educação do futuro, numa sociedade de conhecimento em desenvolvimento. O questionamento prefigura-se como um trabalho árduo, complexo e composto, preferencialmente realizado em equipa, para se poder desconstruir e reconstruir, argumentar e fundamentar, refletir e sopesar... numa lide sistemática e acurada em torno dos atos de planificação, de realização e de avaliação do ensino e da aprendizagem. Enfim, questionar-se para poder dar os passos seguintes: investigar, dialogar, compreender, melhorar...as práticas. Este crescimento profissional, neste novo contexto, faz-se à custa de pequenas mutações induzidas pela necessidade de resolver as dificuldades, os pequenos dilemas que se insurgem aula a aula e é alimentado pela procura de informação, pela busca de formação formal e informal, esta manifesta em processos de autoformação incessantes e de heteroformação arreigada na partilha e no trabalho colaborativo com os pares. Num curto espaço de tempo múltiplas mutações são geradas em relação ao *fazer* pedagógico que se afiançam como forças de evolução da ação do professor. Como num

vírus, as mutações desenvolvidas pelo professor assumem-se como forças evolutivas que potenciam a adaptação, neste caso, ao ambiente *online* sob o desígnio de um trajeto com enfoque na melhoria das práticas e na promoção da qualidade do ensino aprendizagem. É no comportamento adaptativo e inovador do professor que reside a força capaz de potenciar esta evolução, de promover a qualidade no ensino e de instigar o desenvolvimento da sua profissionalidade. Efetivamente, a vivência de experiências diversificadas de ensino aprendizagem, tornam-se elas próprias em experiências e forças transformativas. Este *loop* iterativo, que ocorre em ambientes colaborativos, focado no progresso individual e da equipa de professores e que foi gerado pela necessidade de enveredar pelo ensino *online*, permite consubstanciar novas oportunidades para explorar e enriquecer o ensino aprendizagem numa neofilia marcada pelo desígnio de uma *life long learning*.

BIBLIOGRAFIA

Henriques, S., Abelha, M., Seabra, F., & Mouraz, A. (2020). Avaliação externa de escolas e inovação educativa. In J. A. Pacheco, J. C. Morgado, & J. R. Sousa (Eds.), *Avaliação institucional e inspeção: perspectivas teórico-conceptuais* (1ª, pp. 121–140). Porto Editora.

Santos Guerra, M. (2002). *Entre Bastidores - O lado oculto da organização escolar* (1ª). Asa.

Vermeulen, M., Kreijns, K., & Evers, A. (2020). Transformational leadership, leader-member exchange and school learning climate: impact on teacher' innovative behaviour in the Netherlands. *Educational Management Administration & Leadership Journal*, 48(5), 1–20.

“Da minha janela à tua” * – 3 referências e 10 Proposições para o ensino online



Lídia Sousa

|referência 1 - <https://doi.org/10.1787/68b11faf-en>.

De entre as publicações da OCDE relacionadas com os efeitos da COVID-19 na educação, destaca-se um estudo recente que dá conta do modo como 59 sistemas educativos reagiram, em tempo real, e se adaptaram à pandemia. O estudo destaca a importância deste importante momento de colaboração multinível à escala internacional na determinação da mudança para o futuro da educação e regista: “Se há coisa que esta crise tornou clara, foi o facto de que nenhum país será capaz de enfrentar a crise e respetivas consequências sozinho e de que existe um enorme potencial de colaboração à escala global para combater a pandemia em todos os setores das políticas públicas, incluindo o da educação. Existe igualmente enorme potencial para gerar abordagens inovadoras adaptativas para melhorar a educação, promovendo a comunicação multinível, entre setores governamentais e o setor público e privado, envolvendo a sociedade civil nas soluções.” (OCDE 2020). "Schooling disrupted, schooling rethought: How the Covid-19 pandemic is changing education", OECD Policy Responses to Coronavirus (COVID-19), p.9 (tradução nossa).

Esta mensagem de esperança, no sentido de utilizar a crise pandémica como oportunidade, não nos iliba enquanto responsáveis da educação, nos vários planos de intervenção em que nos movemos, de refletir de forma clara e sustentada acerca dos caminhos a percorrer e das áreas de melhoria a privilegiar. Nesta linha reflexiva, os termos “inovação” e até mesmo “transformação educativa”, recorrentemente mencionados aquando da 1ª vaga da pandemia, que, é certo, mobilizou as comunidades educativas e obteve respostas no sentido de uma rápida, e louvável, adaptação de todos à situação de emergência, não podem, porém, aplicar-se à mera deslocalização da

aprendizagem e do ensino da escola para os domicílios, e tão pouco à intensificação da utilização das tecnologias educativas digitais ao serviço do ensino e da aprendizagem. Afigura-se, por conseguinte, pertinente e justo, antes de abraçar ou recusar a 100% o ensino não presencial, promover, em sede própria, a discussão relativa à aproximação, e à distância, – conceptual, pedagógica, metodológica – entre o “ensino-não-presencial-de-emergência”, organizado para dar resposta ao fecho das escolas na era COVID, e as modalidades de ensino remoto – a distância, E@D – ou misto, B-Learning, preexistentes e respetivos quadros de referência. A partir de uma discussão fundamentada, tornar-se-á possível fazer escolhas e traçar percursos sustentados de inovação com vista à melhoria da educação.

| referência 2 <https://oecdutoday.com/oecd-education-webinars/>

No Webinar da OCDE subordinado ao tema Back to the Future of Education – What will education look like in the future?, em alinhamento com as finalidades do Projeto OCDE 2030, levado a cabo pela Divisão de Educação da OCDE, no passado dia 28 de janeiro, promoveu-se a projeção das possibilidades de transformação e melhoria educativa que se anteveem num cenário pós-pandemia. Foram realizadas sondagens e apresentados resultados em tempo real, que permitem retirar ilações das vivências e experiências decorrentes da COVID-19, passíveis de acrescentar valor e contribuir para a melhoria da educação. Alguns exemplos: 84% dos inquiridos respondeu que acredita que a educação vai melhorar depois da pandemia e pouco mais de 20% dos presentes considera que a educação voltará a ser como era na era pós-COVID19.

| referência 3 <https://doi.org/10.1787/339780fd-en>.

O número 21 da publicação “Trends Shaping Education Spotlights” (OCDE 2020), dedicado à COVID-19, configura um referencial em termos educativos relativamente a: modelos pedagógicos, métodos, papel dos agentes envolvidos, necessidade de empoderamento de alunos e professores, de promoção do trabalho colaborativo e em rede, entre outros fatores estruturantes, e destaca a sua imprescindibilidade, mesmo em estado de emergência, como garante do futuro.

As proposições sugeridas, procuram projetar a visão de uma Escola – “Da minha janela à tua” – à escala global, geradora de conhecimento, apostada em percursos educativos mobilizadores, relevantes e sustentáveis.

A montante importa:

1. Garantir o acesso universal à aprendizagem presencial e/ou não-presencial numa perspetiva de inclusão e equidade;

2. Prover às necessidades dos alunos em termos de aprendizagens, equilíbrio emocional e bem-estar;

3. Reajustar o(s) currículo(s) para melhorar as aprendizagens;

4. Capacitar os professores através de um forte e aprofundado investimento no desenvolvimento profissional e desta forma empoderá-los numa perspetiva de liderança partilhada e melhoria profissional;

5. Empoderar os alunos, dotando-os de iniciativa e autonomia crescentes, para gerirem (o tempo e) as aprendizagens numa perspetiva de envolvimento, sucesso e bem-estar ao longo da vida;

6. Desenvolver as comunidades de aprendizagem e os ecossistemas digitais de aprendizagem em moldes a privilegiar “uma abordagem humanista, ecológica, integrada e holística – em suma, [...] uma visão blended do fenómeno educativo” (Caeiro e Moreira, s/d);

7. Aprender e mobilizar as experiências entretanto vividas numa perspetiva de melhoria contínua.

Na sala de aula virtual, pode ser determinante;

8. Mobilizar o conhecimento e a experiência profissional no sentido do envolvimento dos alunos;

9. Assegurar o equilíbrio entre atividades de aprendizagem digitais e não digitais e fornecer feedback das atividades realizadas/enviadas pelos alunos;

10. Promover, em todas as sessões, momentos de comunicação e interação que façam com que os alunos se sintam apoiados e, simultaneamente, os predisponham e mobilizem para o estudo e a realização de aprendizagens autónomas (Learn as you go).

* Cancioneiro Popular

10 proposições para uma aprendizagem real e consentida



Luís Gonçalves

A pandemia provocada pela COVID-19, obrigou, de forma abrupta, à adesão ao Ensino a Distância (E@D), ou, de forma mais precisa, a um ensino remoto de emergência. Alunos e professores tiveram que usar as ferramentas digitais para poderem comunicar no seu dia a dia e para tentar manter um processo de aprendizagem que cativasse e fizesse sentido para os intervenientes.

Apesar das preocupações levantadas, esta forma de comunicar é, sem dúvida, uma hipótese de poder mitigar o grande problema que é o facto de não estarmos presencialmente na escola.

Esta nova forma de formar comunidade (possível), permite-nos outras oportunidades para levar os alunos a aprender e simultaneamente a podermos acompanhá-los nas suas dúvidas e perplexidades.

Enuncio 10 tópicos que me parecem pertinentes e urgentes trabalhar neste momento.

1. O E@D permite a utilização de estratégias de aprendizagem através das **práticas de recuperação**. Esta é uma estratégia que não visa, em nenhum momento, a classificação. O intuito desta prática é através de exercícios, recordar os conteúdos insuficientemente apreendidos. As tarefas a utilizar nesta prática devem ter algum grau de dificuldade e serem diversificados para permitir o foco e interesse dos alunos e evitar que estes vejam o exercício como algo monótono;

2. Os resultados desta estratégia devem ser monitorizados para que os alunos possam ter um **feedback** de qualidade, imediato e sistemático. A forma como os professores vão observando e alertando para as eventuais falhas nas aprendizagens, vão convocar o aluno para acompanhar com atenção o seu

processo e monitorizando e corrigindo as possíveis lacunas. Há um conhecimento consciente do que não se sabe;

3. Uma das formas de efetivar as *práticas de recuperação* e de dar *feedback* é através da **gamificação**. Esta permite ajudar a manter o interesse e a atenção dos alunos, quando estes precisam de permanecer tanto tempo a olhar para o ecrã. A quebra de monotonia e a interação que o jogo didático provoca, leva a que o aluno não precise de ir buscar algo de novo (brincar com o telemóvel ou abrir um separador no computador) e por essa razão não se “desligue” da aula. Todos os alunos estão envolvidos como participantes e alguns podem até ser desafiados a prepararem e a organizarem os jogos (ex. o Kahoot) para o resto da turma. O professor pode aferir as respostas de todos os alunos, podendo realizar um *feedback* imediato. A aprendizagem realiza-se ouvindo as respostas dos outros ou através da correção por parte dos professores. Esta estratégia tem ainda uma função formadora pois os alunos vão apercebendo-se que através do jogo se pode aprender;

4. Os alunos têm através do computador, tablet ou do telemóvel acesso a informação, podem por isso, realizar uma **aprendizagem ativa**. Esta implica a formulação de um pensamento crítico sobre o material que se seleciona durante a pesquisa. O professor deve conduzir os alunos à escolha objetiva, evitando que estes optem por informação desnecessária e não credível. Este processo precisa de um enquadramento, ela é mais do que uma pesquisa simples. Outra prática a incentivar pelos professores aos alunos é levá-los a colocar questões (ex. como?, porquê?, quando? onde?) aos conteúdos que estão a ser trabalhados;

5. A possibilidade de trabalhar em grupo e de forma cooperativa é uma das possibilidades a realizar e a privilegiar em tempos de pandemia e no E@D. O **Blended Learning** concretiza-se também através das plataformas digitais. Apesar das aprendizagens se realizarem em modo não presencial, é possível utilizar a estratégia *Flipped Classroom*. Desta maneira, os alunos sentem-se mais acompanhados, envolvidos e responsabilizados pelo trabalho e pelas aprendizagens. Podem ainda realizar a coavaliação e heteroavaliação, o que lhes vai conferir ainda outras competências. Para que as aprendizagens se realizem de forma positiva, integrada e desejada é fundamental o vínculo dos alunos entre eles

e com o professor. Aliás é imprescindível que a comunidade se consiga organizar e adaptar-se a uma nova realidade que não foi desejada, mas imposta pelas circunstâncias. E a relação pedagógica é, nestas circunstâncias, ainda mais relevante;

6. Olhar e ser olhado. Ao contrário da sala de aula em que muitas vezes os alunos só conseguem ver quem está ao lado e a nunca do colega da frente, os alunos nas plataformas digitais de comunicação podem olhar para todos os colegas e sabem que os outros também o olham. Existe a possibilidade de todos se sentirem acompanhados, o que diminui a sensação de estar a viver todo este processo sozinho. Por isso, é imperativo persuadir os alunos a manterem as câmaras ligadas;

7. Para que o aluno consiga potenciar as suas aprendizagens, deve estar tranquilo e bem consigo próprio. Neste sentido, o professor deve ajudar a trabalhar a parte **espiritual** do aluno, recorrendo a um conjunto de estratégias. Uma das estratégias a desenvolver é a capacidade de comunicação e empatia, através do diálogo, debate, rol play, dilemas morais e habilidades sociais. Outra estratégia é a expressão de sentimentos e emoções, podendo os alunos expressarem-se com o corpo ou através desenhos. Destaco mais uma estratégia que consiste no trabalhar a compassividade, conversando sobre o que é atual e ouvindo, ouvindo...

8. Escutar os alunos. Se possível, no final de cada aula, pedir a um aluno que continue online. Começar por escolher aquele que aparente mais dificuldade e perguntar-lhe como estão a correr as atividades, dizer-lhe que contamos com ele e que temos expectativas muito positivas sobre o seu trabalho. De seguida, ouvir o que ele precisa de nós e mostrar-nos disponíveis para o que ele necessitar. Fazer sentir ao aluno que ele, individualmente falando, conta para nós;

9. Este é um tempo que deve ser utilizado para dar **formação** aos alunos. Existem várias temáticas que podem ser trabalhadas com os alunos trazendo à “escola” convidados que venham partilhar conhecimento que possa ser útil para o tempo presente e que vá ao encontro das necessidades manifestadas pelos alunos. Nestas formações podem estar muitos alunos presentes, sendo desafiante

para eles o poderem refletir em pequenos grupos e poderem depois partilhar com o grande grupo.

10. Termine com outra área que pode ser motivo de crescimento para os alunos que é a **cultura**. Pedir aos alunos que partilhem um livro que tenham gostado de ler, ou aos alunos que tocam um instrumento que o façam para a turma, são formas de valorizar o papel de cada um. Outra sugestão possível, é pedir que os alunos façam uma pesquisa sobre um escritor, um pintor, um compositor, um arquiteto ou alguém que tenha tido influência no mundo da cultura.

Em todas estas possibilidades, o professor deve ser o mediador e o provocador das aprendizagens, que depois de adquiridas, se vão transformando em competências que naturalmente darão origem a pessoas comunicativas, compassivas, conscienciosas, criativas, colaborativas e comprometidas com os outros.

Referências Bibliográficas

ROEDIGER, H.L. III, NESTOJKO, J.F., e SMITH, N., «Strategies to improve learning and retention during training», em M.D. Mathews e D.M. Schnyer (Eds.), *The Cognitive and Behavioral Neuroscience of Human Performance in Extreme Settings*, Nova Iorque, Oxford University Press, 2019.

HATTIE, J. A., e DONOGHUE, G. M. (2016). «Learning strategies: A synthesis and conceptual model», *npj Science of Learning*, 1, 16013.

http://www.oecd.org/education/2030-project/teaching-and-learning/learning/learning-compass-2030/Thought_leader_written_Gardner.pdf

Premissas básicas para atuação do professor - E@D -



Margarid@ Araújo

A ampliação da Educação à Distância exige que o professor tenha de criar estratégias, metodologias e instrumentos, por vezes já forjados e testados, ou de certa forma, abandonados e tenha de pensar novas formas de planificar e se organizar, no sentido de desenvolver e fomentar posições didático pedagógicas que vão de encontro às necessidades e motivações dos alunos, levando-os a trabalharem em projetos e contextos de aprendizagem em ambientes virtuais. Apresenta-se a noção de que o professor é o parceiro que divide os sucessos e barreiras, dúvidas e incertezas dos alunos, no sentido de promoção e construção coletiva do conhecimento, cuja motivação e desejo de mudança domine face ao (de)ânimo dos seus alunos.

O ensino à distância – “E@D” encontra-se regulamentado pela Portaria 359/2019, de 8 de outubro. Aqui, o ministério da educação revela o E@D como uma modalidade de ensino alternativa, destinada a alunos com impossibilidade de frequentar aulas em regime presencial, baseada na “integração das tecnologias de informação e comunicação (TIC), nos processos de ensino e aprendizagem como meio para que todos tenham acesso à educação”.

Nesta dimensão, incentiva-se o aluno a preparar e desenvolver as aprendizagens fundamentais que correspondem, no entender de Delors (1999), aos principais pilares do conhecimento; aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser.

Menciono algumas premissas básicas para atuação do professor durante a modalidade de ensino à distância (E@D).

& Realizar um talkshow, ou uma simples conversa no início da aula. A fase da motivação influencia diretamente a qualidade do envolvimento do aluno nas tarefas e consequentemente nas aprendizagens. Poderá brincar, questionando de forma verdadeira ou falsa, provocar a curiosidade e o questionamento na procura de respostas

e sempre utilizando o conteúdo a seu favor. O momento privilegiado para a motivação, nesta modalidade de ensino, ocorre quando os alunos se posicionam em frente ao computador. Todavia não se pode perder o objetivo principal da turma que passa pelo ato de educar e fazer aprender, por isso não se deve exagerar, pelo contrário, é fundamental encontrar o equilíbrio perfeito e a combinação certa, porque cada aluno e cada turma é diferente.

& Fazer perguntas desafiadoras ou utilizar o modelo de sala de aula invertido: este modelo traduz-se num estudo prévio em casa. O estudo autónomo que permitirá um melhor rendimento escolar no encontro digital uma vez que, ao invés de se explicarem os conteúdos, poder-se-á realizar uma tarefa mais colaborativa permitindo uma otimização do tempo. Há menos possibilidades de surgirem dúvidas e a aula irá “render” muito mais.

& Olhe para a câmara e mantenha sempre que possível um contacto visual. Com este pequeno gesto, e ainda que distante, passará uma maior segurança aos alunos. Não menos importante é estabelecer-se um acordo prévio para serem desligados os microfones ao entrarem na sessão, e aguardar orientações do professor para ligá-lo oportunamente. Deve também fazer-se uso do chat para pedir intervenção ou fazer comentários.

& A comunicação contínua e sequenciada com o grupo turma e/ ou com os pais é uma premissa fundamental para todos os intervenientes. O recurso a diversas aplicações como WhatsApp, Telegram, email ou ambiente virtual de aprendizagem será uma boa aposta. Privilegiar-se-á este canal como local único e principal para entrega e recebimento de tarefas e esclarecimento de dúvidas, através de horários previamente estabelecidos.

& O recurso ao lúdico-didático pode também tornar-se bastante desafiante, motivador e interessante, despertando a curiosidade dos alunos e, consequentemente, melhorar as suas aprendizagens através do recurso a exercícios por meio de gamification (ensino através do jogo). Esta estratégia pedagógica atrai e motiva fortemente os alunos e apresenta-se como uma excelente aposta para o E@D. O recurso ao lúdico-didático torna o ensino mais interessante e desafiador, aumentando o interesse, a participação dos alunos e, consequentemente melhoram as aprendizagens.

& Recorra sempre que possível à técnica de “scaffolding”. Nestes momentos os professores auxiliam os alunos com momentos sucessivos de apoio temporário, levando-os a obter melhores níveis de compreensão e aquisição de habilidades que não conseguirão alcançar sem esta ajuda. Esta técnica foi desenvolvida por Margaret Montet e reflete o movimento evolutivo do aluno, no sentido, de uma maior compreensão ou maior independência e autonomia no processo de aprendizagem.

& O desenvolvimento de estratégias com recurso à realização de pesquisas e investigação. As práticas colaborativas, de trabalho em grupo estimulam a curiosidade e melhoram o desempenho do aluno. O professor pode sempre solicitar a apresentação dos trabalhos sob a forma de podcast, storytelling, vídeos, blogs, seminários, entre outros.

& O recurso ao reforço positivo também poderá funcionar como estímulo para desenvolver a auto confiança e autoestima dos alunos, sobretudo dos que apresentam maiores dificuldades. Os alunos socialmente mais desfavorecidos e mais vulneráveis, que à partida, apresentam maiores fragilidades (na aprendizagem, no acesso ao digital e no apoio dos pais em casa) logo, os mais penalizados pela suspensão do ensino presencial. Os alunos não são máquinas nem robots e como tal gostam de ser compensados.

& Um método bastante desafiante para manter o aluno focado nas tarefas pode passar pela criação de salas de aula virtuais. Deste modo o aluno pode ficar liberto o desinibido para conversar através do chat ou videoconferência. A natureza imediata das conversas por texto, nas redes sociais, deixa-os mais à vontade. Logo a criação de ambientes virtuais abertos tornar-se-ão mais acessíveis para os alunos.

& A definição de metas e objetivos devem sempre ser comunicadas aos alunos, assim como os resultados esperados. Na ótica do professor, é natural que as metas e as expectativas definidas sejam claras, no entanto os alunos nem sempre entendem claramente o que se pretende que aprendam, ou com que grau de profundidade o devem fazer. Então, os professores devem garantir oportunidades para o sucesso e acompanhar a realização das tarefas. Simultaneamente devem dar um feedback ao aluno auxiliando-o e fazendo crer que possuem capacidades para a sua execução.

& Uma fase não menos importante é a fase da reflexão e crítica face às expectativas dos professores. O professor deve incentivar os alunos a avaliar o seu conhecimento

através de testes práticos - prática de recuperação. Esta estratégia de ensino permite aumentar a retenção de informação e os níveis de eficácia das aprendizagens. A Psicologia Cognitiva designa-os por “efeito de teste” e consiste em exercitar a memorização dos conteúdos apreendidos com recurso a uma avaliação individual e repetida dos mesmos. Esta estratégia possibilita, não só, a consolidação de conhecimentos, mas também a respetiva repetição para determinar a qualidade das aprendizagens e identificar eventuais omissões.

O professor deve manter as suas expectativas elevadas face às aprendizagens dos alunos, no entanto, não se deve proceder de forma irrealistas em relação às avaliações e interações. Os alunos percebem facilmente quando o professor está incentivado e animado a ensinar, logo é importante encontrar os erros, detetar os problemas e incentivar os alunos através do questionamento.

Sintetizando:

☞ As sessões de E@D não devem ser longas. Evitar transpor para a aula online tudo quanto realiza na aula presencial.

☞ Deve ser claro e conciso. Urge fazer uma definição de conteúdos a apresentar em cada sessão.

☞ Estruture uma organização sequencial de cada sessão para evitar tempos mortos e perdas de tempo. Elabore um conjunto de objetivos propostos para a sessão.

☞ Crie uma lista das tarefas a realizar pelos alunos e certifique-se de que as fizeram.

☞ Utilize sempre que possível os recursos disponíveis online.

10 proposições para organizar as aprendizagens online. O ouvido pensante.



Pedro Jesus

Início a resposta ao desafio de enunciar dez proposições para organizar as aprendizagens online, socorrendo-me do título do livro do compositor canadiano R. Murray Shafer, “O Ouvido Pensante”, que reúne os seus escritos sobre Educação Musical. Parece-me um bom convite a apurarmos os nossos sentidos *pensantes* e desenvolvermos a capacidade de compreender como e onde se encontram os nossos alunos, para melhor os podermos acompanhar e inspirar a aprender.

Assim como Shafer se referiu aos seus textos reunidos, este conjunto de proposições é também apenas o relato de uma visão pessoal, não um conjunto de prescrições.

1. MANTER ACESA A RELAÇÃO PEDAGÓGICA. A aprendizagem ocorre mediada por relações entre sujeitos e entre os sujeitos e os “objetos” *aprendidos*, apoiada num sem número de aprendizagens anteriores. A conjugação das relações que se estabelecem entre quem ensina e quem aprende, entre quem ensina e o que ensina, entre o que é ensinado e quem aprende, sendo fundamental à aprendizagem, de repente parece ficar sem chão para existir remotamente. A aprendizagem acontece no âmbito de uma relação pedagógica, que precisa de ser cuidada como qualquer relação. A transição para o ambiente digital não garante, por si, a qualidade dessa relação, podendo mesmo dar-se um “apagão pedagógico”.

2. RESISTIR A FAZER DE UMA AULA ONLINE UMA AULA PRESENCIAL. Uma tentação que podemos ter é a de fazer parecer o mais possível uma aula online com uma aula presencial, mantendo os tempos e as ações, presos que estamos a um modo de funcionar. Outra tentação é a de pensar que uma aula online simplesmente não funciona, uma espécie de “quase-aula” em que o que se faz serve de pouco. Esses

equivocos, possivelmente potenciados por aquilo a que erradamente temos chamado de ensino misto – que seria o *b-learning*, através do qual aulas presenciais e aulas a distância coexistem e se procuram complementar –, podem levar-nos a deixar de arquitetar aulas que tentem *chegar* aos alunos, com formas de comunicação adequadas, capazes de promover a participação e a empatia com a aprendizagem.

3. PÔR O FOCO NO SENTIDO DE PERTENÇA. Parece-me que um dos maiores perigos deste segundo confinamento, que acresce ao primeiro, é a quebra de vínculos com a escola. As aulas online não devem desconsiderar esta quebra e descurar a interação entre pares, e entre alunos e professores, em contextos de aprendizagem disciplinar (ou interdisciplinar) e em outros momentos (ou rituais) que permitam fortalecer os vínculos existentes e o sentido de pertença a uma comunidade.

4. “AUDIAR”. O conceito de audiação, criado por Edwin Gordon, autor da obra “Music Learning Theory”, corresponde à capacidade de ouvir e compreender musicalmente quando o som não está fisicamente presente. É uma boa alusão metafórica à importância de o professor compreender pedagogicamente o aluno quando ele não está fisicamente presente.

5. CRIAR. Este não deixa de ser um tempo desafiante à criatividade docente. E pode também ser um tempo privilegiado para a criação dos alunos, se não os limitarmos ao mero treino repetitivo de tarefas e os desafiarmos a ações como a invenção de exercícios, a elaboração de situações-problema, o desenvolvimento de projetos, a lecionação entre pares.

6. SEMEAR (MAIS DO QUE CEIFAR). Há tempo para semear e há tempo para ceifar, mas o trabalho docente é e deverá continuar a ser primordialmente, também em contexto online, o trabalho do semeador, que conhece o terreno, prepara-o, semeia e cuida. Sabe que o terreno tem bons frutos para dar, mesmo que o próprio terreno ainda não o saiba. É um artífice, desvendador de possibilidades.

7. ESCREVER. Da experiência de ensino a distância, tem vindo a crescer em mim a noção do poder da palavra escrita. Quando o contacto visual e mesmo a interação verbal se reduzem substancialmente, a escrita ganha um inesperado poder, do aluno chegar ao professor, partilhando uma dificuldade, uma dúvida, uma opinião, e do professor chegar ao aluno, através de um bom, securizante e desafiador *feedback*, que pode ser lido e assimilado sem pressas, num tempo oportuno.

8. OUSAR UMA FLEXIBILIDADE NO TEMPO LETIVO E NO AGRUPAMENTO DOS ALUNOS. A percepção da necessidade de tempos para aulas síncronas e de tempo para aulas (ou tempo de trabalho) assíncronas que, de algum modo, ganhámos no primeiro confinamento deve permitir-nos pensar na oportunidade de gerir com flexibilidade tempos letivos com grandes grupos, pequenos grupos ou até com um único aluno, potenciando uma diversidade de ações estratégias que privilegiem a melhoria das aprendizagens.

9. CONHECER E ARTICULAR. Há muito conhecimento desarticulado nas escolas e há até, porventura, conhecimento desconhecido. É certo que existe um sem número de oportunidades formativas fora do contexto escolar, mas quanto do conhecimento existente no interior da escola é conhecido e partilhado, de modo a ser gerador de aprendizagem profissional?

10. APRENDER. De modo nítido, parece-me que este tempo constitui uma oportunidade única de aprendizagem individual e coletiva, em particular na compreensão do papel que a digitalização do ensino pode ter na melhoria do ensino presencial. A par dessa tarefa, penso que continua a ser urgente olharmos com maior clarividência para a necessidade de, no interior da profissão docente, nos tornarmos peritos no triângulo Gestão do Currículo, Metodologias de Ensino e Avaliação das (para as) Aprendizagens.

Termino com a imagem de José Saramago no romance “A Caverna”, quando refere que os criadores têm uma espécie de pequenos cérebros na ponta dos dedos. Que na precariedade do contacto educativo online, ouvidos, olhos e pontas dos dedos pensantes, do lado de cá e de lá do ecrã, possam concretizar o desejo de manter acesa e significativa (nada mais nada menos do que) uma relação pedagógica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- Gordon, E. (2000). *Teoria de aprendizagem musical: Competências, conteúdos e padrões*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Saramago, J. (2000). *A Caverna*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Schafer, R. M. (2011). *O ouvido pensante*. São Paulo: UNESP.

Crónica (quase) familiar.



Sofia de Sousa Vieira

Se estás a pensar ensinar,
vais ter muito que aprender.
Alexandre O'Neill

Ao ouvido, o pai lembra: mantem-te calma, isto não é como começa,
mas como acaba!
SSV

Sou do tempo em que havia tempo para ter tempo. Guardo memória dos longos verões que eram grandes como as folhas de outono que demoram a cair, e tardam, em fim de estação indesejado e sobrevivem à força de viver.

Por isso, a bicicleta não tem tempo de parar, porque no fim da ceia ainda há tempo para sonhar.

Da infância longínqua, recordo o aroma das maçãs e a frescura da terra lavrada, eternizados pelo regresso à quinta onde a alegria de viver dava lugar aos dias felizes da adolescência, em breve anunciada.

Essa liberdade profética dos anos em que o calendário fazia anos dos meses, já passados, ainda hoje, em mim desperta a lucidez de outrora; a verdadeira elevação e autenticidade.

De abril, sou filha! Em liberdade nasci!

Aprender a ouvir, saber pensar foram lição contínua, onde quer que estivéssemos, lugar onde fossemos, com quem nos visitasse.

Ler era desígnio de ordem; ouvir música (clássica ou em voga) ordem expressa do manual de instruções familiar de que os pensamentos nunca censurados contribuíam para eleger fontes de conhecimento e formação.

Quando a leitura pedia meças vaidades que não tínhamos, meu pai nunca se cansava de dizer: “Lê outra vez! ... uma vez... e outra vez...”

De regresso à escola pública a despedida dos dias passados na aldeia, a terna companhia dos avós paternos, tornar-se-ia, ano a ano, a página inapagável de um sonho que sempre quisera preservar.

Da escola frequentada por obrigação, não por desejo de lá ter ido aprender ficou a disposição em U, pequena arena na qual o princípio do prazer daria lugar à realidade dos eleitos - dos bens comportados, bem-ensinados, bem-sucedidos, filhos do futuro; dos não eleitos - os segregados, os desatentos, os desprotegidos cujo exemplo servia para exorcizar pedagogias frustradas, impacientemente, à espera de fins de ano letivo. A encenação como as artes de palco e representação já estavam na moda. Sobrevivia-se como se podia.

Quarenta anos volvidos, e seguindo a estrela e a vontade de contribuir para a alteração do mundo, participando humanamente na criação de novas perspetivas, novos métodos, novas estratégias para o ensino, seja qual for o grau, o objetivo a atitude de aprendizagem das gerações atuais, ou vindouras, vivo o anátema da severidade do tempo (e da falta dele), no qual a mãe, expoente dessa expressão de vida que dá corpo à criação dos saberes, de formação, de afetos educativos, volta à arena da realidade social e docente, com a missão de lutar a favor das melhorias habilitadas porque se deve pautar a cidadania martirizada humanamente pelo consumismo, pelas redes sociais, da descrença que a sociedade do espetáculo instaurou nas nossas mentalidades, fazendo: do ensino o laboratório, dos educadores os (re)agentes; da(s) competitividade(s) são a panaceia com que o aprendiz de feiticeiro resiste à imposição das tutorias com sentidos duvidosos.

Quanta colheita perdida! Quanta dedicação profissional vetada ao desengano da escola ideal.

No ecrã dos dias, faço passar aos meus filhos, seguidores de Hamelin perdidos no país onde deviam pontuar as maravilhas das paisagens, a mensagem que os ajudará a crescer, mesmo sabendo que com pouco poderei contribuir para que melhores dias se vislumbrem no horizonte do sujeito, muitas vezes descompensado dos/pelos predicados do (mal)dito sistema, quantas vezes manipulado por ideologias caducas e tutorias fracassadas, de uma melodia perdida que não conseguirão entoar.

Na tela, uma reprodução de Mondrian que escolhi para servir de exemplo de quadro familiar desta nova realidade confinada, reencontro, dia-a-dia, a inspiração para

fazer emergir da geometria do saber o colorido que falta à sabedoria, a vontade de aprender, ao prazer de ensinar, seguindo traço horizontal, as linhas verticais o pontilhismo singelo de arte abstrata de que preciso para conceber figurativas esperanças de vida, de profissão de ser, onde tu e outros figuram.

Na atualidade, exerço funções de gestão intermédia no ensino profissional artístico, orientando todos os que dele fazem parte, ajudando a perspetivar futuros de afirmação e excelência, sem ceder às limitações teoricamente impostas pelos currícula, os quais, no seio da sua urbanidade artística, contribuirão, certamente, para descoberta de novas experiências em domínios da educação, da performance, das utopias que os ajudarão a converter cada silêncio em memória, cada fracasso em estímulo para dar curso a realizações de ordem pessoal, educacional e cultural exigidas pela sociedade contemporânea.

Por que nunca será demais repetir, insisto nas vantagens de tirar do real quotidiano consequências pessoais e familiares sem esquecer que tenho a meu cargo o acompanhamento dos filhos, a braços com tarefas de vária ordem, incontornáveis do ponto de vista docente e discente.

Sem perder de vista que, no final da jornada, já bem agastada, outro tanto haverá ainda para fazer, não será este o momento de condescender com a exigência pedagógica, não raro obrigada a lutar com os meios de que dispõe, a fim de garantir a consolidação dos ditos objetivos programáticos, cuja projeção passa, inevitavelmente, pela conquista idealizada pelos defensores de um sucesso escolar sustentável.

Sem deixar de ouvir os habituais Velhos de Restelo, fintando as voltas do dado, alegando o quão pequeno nos possa parecer: Aquele Grande Rio Eufrates, que o poeta consagrou, não obstante ter dito que: Não era isto que esperávamos, não era este o dia.

Mas de que serviria a Lição dos Mestres, se ter esperança não fosse a mais elementar das condições humanas e a vontade de vencer o traço mais profundo de uma pedagogia ativa capaz de se tornar alavanca de universos por achar?

Ao ouvido, o pai lembra: mantem-te calma, isto não é como começa, mas como acaba!

É nesse lugar, onde os dias são universos inteiros, que pretendo recriar e aprender esta forma de estarmos vivos!

10 proposições para organizar as aprendizagens on line



Sónia Soares Lopes

Desafiada a escrever 10 proposições para o ensino on line [leia-se, aprendizagens on line], fui à procura de dez ações que podem gerar um tempo com mais sentido e proveito para todos.

1. REAJUSTAR – Na preparação do trabalho para fazer aprender em regime não presencial, os departamentos/os grupos disciplinares/as equipas educativas devem reajustar o trabalho planificado para o processo de ensino/aprendizagem à distância adaptando às novas condições de trabalho e a cada turma;

2. (RE)APRENDER – Desde março do ano anterior que os professores continuam a procurar novas formas de fazer aprender através da participação de inúmeros webinars, seminários e ações de formação, promovendo o seu desenvolvimento profissional e, conseqüentemente, a melhoria das aprendizagens dos alunos;

3. PARTILHAR – A partilha de conhecimentos/práticas entre docentes promove o desenvolvimento de comunidades profissionais de aprendizagem;

4. DIMINUIR – O tempo de exposição de conteúdos por parte do professor deve diminuir. O professor deve dar instruções claras sobre as atividades a realizar, orientando os alunos no seu processo de aprendizagem e demonstrando a sua disponibilidade para apoiá-los a ultrapassar as suas dificuldades;

5. DIVERSIFICAR – A combinação de diferentes metodologias/atividades deve ser um motor para a aprendizagem, considerando as diferentes formas e ritmos de aprendizagem dos alunos. Os professores devem focar-se no que os alunos devem aprender e saber fazer. Os instrumentos de avaliação devem, também, ser diversificados;

6. DISTRIBUIR – É fundamental distribuir feedback de qualidade aos alunos para que eles possam aprender e ultrapassar as suas dificuldades;

7. OUVIR – Os professores devem estar atentos à voz dos alunos. Por vezes, o que parece ser uma metodologia eficaz para o professor, pode não ser para os alunos;

8. PREVENIR – Os professores devem estar atentos ao comportamento dos alunos de forma a prevenir situações de risco;

9. COMPREENDER – O processo de ensino e aprendizagem em regime não presencial não é um processo fácil. Não o é para os alunos, não o é para os pais e encarregados de educação e, também, não o é para os professores. São muitas as condicionantes a afetar a vida de todos;

10. ACALMAR – Os alunos têm de ter tempo para eles e para a sua família. Os professores, também. Sabendo que não é um processo fácil, procuremos ter uma palavra de acalmia e alento, uns para com os outros, porque precisamos uns dos outros para (sobre)viver.

(Re)conhecer.

Sónia Soares Lopes

Quando em novembro o marido da Helena lhe perguntou o que gostaria de receber no Natal, ela pediu uma mesa digitalizadora porque acreditava que iam voltar ao ensino/aprendizagem on line (EaD).

Quando o computador da Filipa sobreaqueceu e sabendo que não podia ficar sem computador para o EaD, a Filipa procurou tutoriais, desmontou e limpou o computador.

Quando a Teresa estava em EaD, durante o 3º período, o seu computador era muito lento e precisava utilizar a câmara do telemóvel para poder fazer videoconferência com os alunos. Não correu muito bem. A Teresa fez um esforço financeiro e adquiriu um novo computador e este ano tudo melhorou na comunicação com os alunos.

A Maria mora numa zona com pouco sinal de internet, pelo que recorre à escola todos os dias para acompanhar os seus alunos em EaD.

A Marta está em EaD e os seus três filhos também. Não há computadores para todos e a Marta tenta ao máximo que os seus filhos acompanhem os momentos síncronos com os Professores respetivos.

Podia continuar a partilhar muitas histórias, porque são muitas.

Nestes últimos tempos, parece, para alguns, que tudo é óbvio.

É óbvio que os Professores têm computadores pessoais para trabalhar.

É óbvio que os Professores têm internet ilimitada em casa.

Mas nada é óbvio!

E a desculpa que os Professores têm a possibilidade de ir trabalhar para as Escolas não serve, porque não há condições físicas nem materiais para que todos os Professores trabalhem ao mesmo tempo nas Escolas.

Os Professores continuam a apostar fortemente em formação sobre plataformas digitais, os grupos de partilha sobre ferramentas digitais crescem e as mesas digitalizadoras estão praticamente esgotadas.

Tem sido um grande esforço para as famílias, sem dúvida. Para todas as famílias, incluindo as dos Professores. O EaD só tem sido possível devido à grande dedicação e profissionalismo dos Professores, que em sentido de verdadeira missão, tudo fazem para não deixar de acompanhar os seus alunos.

É preciso conhecer, para reconhecer!

E@D com recurso ao on-line. Desafios numa Escola que se quer para todos.



Teresa Barbosa

No período de confinamento anterior, de março a junho de 2020, elevado nº de famílias não dispunha de equipamento informático para garantir o acesso ao ensino on-line por parte dos seus educandos, ou era em nº insuficiente para permitir a utilização pelos pais, em regime de teletrabalho, e compatibilizar com as exigências que o E@D colocava aos seus educandos. A capacitação digital por parte da generalidade dos alunos e famílias está longe de corresponder às necessidades atuais em matéria de acesso ao ensino à distância (E@D). Estas condicionantes são tanto mais acentuadas quanto menor for o nível de escolarização dos pais/encarregados de educação, sendo extrema em casos de analfabetismo, condicionante externa que, no séc. XXI, persiste em Portugal.

Neste 2º confinamento, a disponibilização, por empréstimo de tabletes ou portáteis e hotspots, pelo Ministério da Educação, escolas e/ou autarquias, facilitou o acesso ao equipamento mas não resolveu a dificuldade pré-existente: baixa ou nula retaguarda familiar associada a não valorização das aprendizagens escolares, e que impede e/ou compromete, com demasiada frequência, aprendizagens previstas para o ano de escolaridade/nível de ensino e, conseqüentemente, dificulta o cumprimento de metas relativas a redução do insucesso e melhoria do sucesso pleno.

Assim, as crianças e jovens cujas famílias são analfabetas ou têm baixo nível académico, exigem uma atenção especial por parte da Escola, das instituições e organizações locais que intervêm na área social, e das redes sociais municipais, de modo a impedir que o estigma social não as afaste, ainda mais, da aprendizagem, o que iria hipotecar o seu futuro escolar e de vida.

Da parte dos professores constata-se, ainda, dificuldade na adaptação ao E@D, pelo facto de a capacitação digital não ser uma prioridade na formação continua (na perspectiva do utilizador e da produção de e-atividades), o que poderá justificar a elevada adesão a plataformas de E@D disponibilizadas por editoras que, no período de E@D, colocaram os seus recursos, de modo gratuito, ao serviço da Educação. Há, contudo, um nicho de docentes que aposta na produção de e-atividades e, de modo solidário e informal, partilha essa competência com os seus pares, o que constitui uma alternativa não formal de capacitação digital interna, que muito tem contribuído para a minimização das lacunas existentes.

Importa ter em atenção que o atual modelo de avaliação docente pressupõe quotas reduzidas de transição do 4º ao 5º escalão, e do 6º ao 7º escalão, aplicadas a cada universo de avaliados em função do vínculo que têm ao Ministério da Educação: contratados, integrados na carreira, coordenadores de departamento curricular (CDC) e de estabelecimento, avaliadores internos e membros das SADD. Assim, o contributo dos docentes que se destacam pelas suas práticas, em cada área disciplinar, bem como a mais valia que introduzem na prestação do serviço educativo da organização, raramente são considerados na sua avaliação para efeito de progressão na carreira. É preocupante o descontentamento da parte de docentes que estagnaram na carreira, embora tenham dado, ao longo dos anos, um elevado contributo para a melhoria do serviço educativo das Escolas e do percurso escolar e de vida dos seus alunos.

O paradigma educativo atual, que tem como referenciais o Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória (PA) e a Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania e, como suporte legal o DL nº 55/2018, de 6 de julho, e Portarias que o regulamentam, bem como o DL nº 54/2018, tem em vista a acessibilidade no acesso à Educação para TODOS. Pressupõe que o trabalho docente facilite aprendizagens com significado, em cada nível de ensino, tanto de âmbito disciplinar como interdisciplinar, de modo a possibilitar aprendizagens subsequentes e conduzir às competências previstas no PA; implica dinâmicas ativas, reflexivas e autorreguladoras, em relação aos processos de ensino e de avaliação formativa que cada docente adota, tanto individualmente como em parceria com os seus pares (conselho de turma); também pressupõe que os alunos tomem parte ativa na sua aprendizagem: nas dinâmicas e na autorregulação.

O E@D não “congelou” os referenciais e os normativos em vigor!

14 medidas que poderão facilitar aprendizagens úteis e sequenciais em formato on-line.

Lideranças de topo: visão estratégica orientada para a qualidade das aprendizagens e mobilização dos docentes para a melhoria de práticas

1. Prever, no âmbito do Plano de E@D, momentos de trabalho colaborativo dos docentes que lecionam cada ano de escolaridade ou ciclo, a nível disciplinar e em conselho de turma (CT), focalizados nos/em: critérios de avaliação, valorizando as aprendizagens específicas esperadas pelo facto de serem indispensáveis a aprendizagens subsequentes, a avaliar em cada disciplina/ciclo; dinâmicas facilitadoras da aprendizagem; organização de instrumentos comuns de avaliação, na disciplina/ano, adaptados ao on-line.
2. Valorizar práticas de ensino on-line centradas em e-atividades, incentivar a construção de ferramentas digitais que envolvam os alunos nos processos de aprendizagem e, também, de instrumentos comuns de avaliação formativa em cada disciplina/ano; assumir e explicitar que esse contributo de melhoria integra os critérios de avaliação docente.
3. Incentivar um trabalho articulado de coordenadores(as) de equipa educativa de ano e DT com os técnicos especializados, e destes com entidades parceiras, de modo a antecipar problemas e facilitar soluções em tempo útil.
4. Criar procedimentos regulares de autoavaliação focalizada na operacionalização do E@D, com indicadores precisos que permitam identificar lacunas e facilitar a adoção de soluções em tempo útil.

Lideranças intermédias: orientação da ação e incentivo ao desenvolvimento de soluções facilitadoras de aprendizagens

Coordenadores de departamento curricular (CDC)

5. Garantir o trabalho colaborativo de docentes de disciplina/ano, para: definição das aprendizagens específicas esperadas (de carácter sequencial ou que permitem cruzar aprendizagens de várias disciplinas), em consonância com os critérios de avaliação e com recurso a linguagem simples e acessível. Assumir que, no ensino básico, essas serão as aprendizagens avaliadas em E@D, em

cada disciplina, pelo facto de serem indispensáveis a aprendizagens subsequentes.

6. Facilitar a equidade no acesso à aprendizagem: incentivar a produção de e-atividades que facilitem as aprendizagens esperadas, de modo a que os alunos as considerem úteis; promover a criação de instrumentos comuns de autorregulação das aprendizagens pelos alunos, adaptados ao ensino on-line.

Coordenadores de Equipa Educativa de Ano (C EEAno)

7. Garantir, com a colaboração dos (as) DT/conselhos de turma (CT), a gestão articulada das aprendizagens esperadas no ano de escolaridade (específicas de cada disciplina e/ou que se cruzam), considerando as condicionantes e apetências dos alunos.
8. Promover comunidade de práticas, síncrona, na qual participem docentes de cada ano de escolaridade, tendo em vista a partilha de problemas e soluções, considerando os indicadores de monitorização pré-definidos no âmbito da autoavaliação do E@D (on-line).

Diretores de turma (DT)

9. Criar momentos de trabalho comum em CT, síncrono, tendo em vista a identificação de problemas e a adoção de soluções comuns, de modo a garantir que todos os alunos têm acesso ao E@D e fazem as aprendizagens específicas esperadas no ano de escolaridade; decidir mecanismos de recolha de informação sobre aprendizagens dos alunos que dificultem a interferência externa.
10. Articular com técnicos especializados de modo a minimizar o impacto negativo do estigma social nos processos de aprendizagem.
11. Colaborar no processo de monitorização do E@D da Escola, com a colaboração dos docentes de cada turma, com base nos indicadores pré-definidos no âmbito da monitorização do E@D/observatório de autoavaliação.
Intervenientes diretos nos processos de acesso à aprendizagem: explicitar, facilitar aprendizagens úteis, avaliar, monitorizar.

Docentes

- 12.** Disponibilizar aos alunos a lista de aprendizagens específicas esperadas, previamente elaboradas por docentes de cada disciplina/ano.
- 13.** Proporcionar dinâmicas de aula que facilitem aprendizagens com significado, úteis e duradouras, preferencialmente através de e-atividades, incluindo momentos de autorregulação pelos alunos; e utilizando instrumentos de avaliação diversificados, de modo a garantir a recolha de informação fidedigna sobre as aprendizagens dos alunos e facilitar a adoção de práticas de reforço ou aprofundamento necessárias.
- 14.** Adotar mecanismos de monitorização da presença dos alunos e da participação nas tarefas de cada aula, de modo a monitorizar verificar a assiduidade e presença efetiva, bem como a qualidade das aprendizagens.
- 15.** Quanto melhor se organizarem as escolas no âmbito do on-line... melhor preparadas estarão para fazer face aos desafios que o próximo ano letivo lhes irá colocar.

Teresa Barbosa

Coordenadora TEIP, AE Maximinos (Braga)